

## Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.

## Infância

*A Aogar Renault*

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusóe,  
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
- Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusoe.

### **Casamento do céu e do inferno**

No azul do céu de metileno  
a lua irônica  
diurética  
é uma gravura de sala de jantar.

Anjos da guarda em expedição noturna  
velam sonos púberes  
espantando mosquitos  
de cortinados e grinaldas.

Pela escada em espiral  
diz-que tem virgens tresmalhadas,  
incorporadas à via-láctea,  
vaga-lumeando...

Por uma frincha  
O diabo espreita com o olho torto.

Diabo tem uma luneta  
Que varre léguas de sete léguas  
E tem ouvido fino  
Que nem violino.

São Pedro dorme  
E o relógio do céu ronca mecânico.

Diabo espreita por uma frincha.  
Lá embaixo  
Suspiram bocas machucadas.  
Suspiram rezas? Suspiram manso,  
de amor.

E os corpos enrolados  
ficam mais enrolados ainda  
e a carne penetra na carne.

Que a vontade de Deus se cumpra!  
Tirante Laura e talvez Beatriz,  
o resto vai para o inferno.

**Também já fui brasileiro**

Eu também já fui brasileiro  
moreno como vocês.  
Ponteei viola, guiei forde  
e aprendi na mesa dos bares  
que o nacionalismo é uma virtude.  
Mas há uma hora em que os bares se fecham  
e todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.  
Bastava olhar para mulher,  
pensava logo nas estrelas  
e outros substantivos celestes.  
Mas eram tantas, o céu tamanho,  
minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.  
Fazia isso, dizia aquilo.  
E meus amigos me queriam,  
meus inimigos me odiavam.  
Eu irônico deslizava  
satisfeito de ter meu ritmo.  
Mas acabei confundindo tudo.  
Hoje não deslizo mais não,  
não sou irônico mais não,  
não tenho ritmo mais não.

### **Construção**

Um grito pula no ar como foguete.  
Vem da paisagem de barro úmido, caliça e andaimes hirtos.  
O sol cai sobre as coisas em placa fervendo.  
O sorveteiro corta a rua.

E o vento brinca nos bigodes do construtor.

### **Toada do amor**

E o amor sempre está nessa toada:  
Briga perdoa perdoa briga.  
Não se deve xingar a vida,  
a gente vive, depois esquece.  
Só o amor volta para brigar,  
Para perdoar,  
Amor cachorro bandido trem.

Mas se não fosse ele, também  
Que graça que a vida tinha?

Mariquita, dá cá o pito,  
No teu pito está o infinito.

### **Europa, França e Bahia**

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos.

Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo.  
Os cais bolorentos de livros judeus  
E a água suja do Sena escorrendo sabedoria.

O pulo da Mancha num segundo.  
Meus olhos espiam olhos ingleses vigilantes nas docas.  
Tarifas bancos fábricas trustes craques.  
Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas formam um tapete para  
[sua Graciosa Majestade Britânica pisar.  
E a lua de Londres como um remorso.

Submarinos inúteis retalham mares vencidos.  
O navio alemão cauteloso exporta dolicocefalos arruinados.  
Hamburgo, embigo do mundo.  
Homens de cabeça rachada cismam em rachar a cabeça dos outros dentro de alguns

[anos.

A Itália explora conscienciosamente vulcões apagados,  
Vulcões que nunca estiveram acesos  
A não ser na cabeça de Mussolini.  
E a Suíça cândida se oferece  
Numa coleção de postais de altitudes altíssimas.

Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa.

Não há mais Turquia.  
O impossível dos serralhos esfacela erotismos prestes a declanchar.  
Mas a Rússia tem as cores da vida.  
A Rússia é vermelha e branca.  
Sujeitos com um brilho esquisito nos olhos criam o filme bolchevista e no túmulo de  
[Lênin em Moscou parece que um coração  
[enorme está batendo, batendo  
mas não bate igual ao da gente...

Chega!  
Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.  
Minha boca procura a “Canção do Exílio”.  
Como era mesmo a “Canção do Exílio”?  
Eu tão esquecido de minha terra...  
Ai terra que tem palmeiras  
onde canta o sabiá!

### **Lanterna Mágica**

#### *I/ BELO HORIZONTE*

Meus olhos têm melancolias,  
Minha boca tem rugas.  
Velha cidade!  
As árvores tão repetidas.

Debaixo de cada árvore faço minha cama,  
em cada ramo dependuro meu paletó.  
Lirismo.  
Pelos jardins versailles  
ingenuidade de velocípedes.

E o velho fraque  
na casinha de alpendre com duas janelas dolorosas.

## II/ SABARÁ

*A Aníbal M. Machado*

A dois passos da cidade importante  
a cidadezinha está calada, entrevada.  
(Atrás daquele morro, com vergonha do trem.)  
Só as igrejas  
só as torres pontudas das igrejas  
não brincam de esconder.

O Rio das Velhas lambe as casas velhas,  
casas encardidas onde há velhas nas janelas.  
Ruas em pé  
pé-de-moleque  
PENÇÃO DE JUAQUINA AGULHA  
Quem não subir direito toma vaia...  
Bem-feito!

Eu fico cá embaixo  
maginando na ponte moderna — moderna por quê?  
A água que corre  
já viu o Borba.  
Não a que corre,  
mas a que não pára nunca  
de correr.

Ai tempo!  
Nem é bom pensar nessas coisas mortas, muito mortas.  
Os séculos cheiram a mofo  
e a história é cheia de teias de aranha.  
Na água suja, barrenta, a canoa deixa um sulco logo apagado.  
Quede os bandeirantes?  
O Borba sumiu,  
Dona Maria Pimenta morreu.

Mas tudo tudo é inexoravelmente colonial:  
bancos janelas fechaduras lampiões.  
O casario alastra-se na cacunda dos morros,  
rebanho dócil pastoreado por igrejas:  
a do Carmo — que é toda de pedra,  
a Matriz — que é toda de ouro.  
Sabará veste com orgulho os seus andrajos...  
Faz muito bem, cidade teimosa!

Nem Siderúrgica nem Central nem roda manhosa de forde  
sacode a modorra de Sabará-buçu.

Pernas morenas de lavadeiras,  
tão musculosas que parece que foi o Aleijadinho que as esculpiu,  
palpitam na água cansada.

O presente vem de mansinho

de repente dá um salto:  
cartaz de cinema com fita americana.  
E o trem bufando na ponte preta  
é um bicho comendo casas velhas.

### III/CAETÉ

A igreja de costas para o trem.  
Nuvens que são cabeças de santo.  
Casas torcidas.  
E a longa voz que sobe  
que sobe... que sobe do morro

### IV/ITABIRA

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.  
Na cidade toda de ferro  
as ferraduras batem como sinos.  
Os meninos seguem para a escola.  
Os homens olham para o chão.  
Os ingleses compram a mina.

Só na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.

### V/SÃO JOÃO DEL-REI

Quem foi que apitou?  
Deixa dormir o Aleijadinho coitadinho.  
Almas antigas que nem casas.  
Melancolia das legendas.

As ruas cheias de mulas-sem-cabeça  
correndo para o Rio das Mortes  
e a cidade paralítica  
no sol  
espiando a sombra dos emboabas  
no encantamento das alfaias.

Sinos começam a dobrar.

E todo me envolve  
uma sensação fina e grossa.

### VI/NOVA FRIBURGO

Esqueci um ramo de flores no sobretudo

### VII/RIO DE JANEIRO

Fios nervos riscos faíscas.  
As cores nascem e morrem  
com impudor violento.  
Onde meu vermelho? Virou cinza.  
Passou boa! Peço a palavra!

Meus amigos estão todos satisfeitos  
com a vida dos outros.  
Fútil nas sorveterias.  
Pedante nas livrarias...  
Nas praias nu nu nu nu nu nu.  
Tu tu tu tu tu no meu coração.

Mas tantos assassinatos, meu Deus.  
E tantos adultérios também.  
E tantos tantíssimos contos-do-vigário...  
(Este povo quer me passar a perna.)

Meu coração vai molemente dentro do táxi.

### VIII/BAHIA

É preciso fazer um poema sobre a Bahia...

Mas eu nunca fui lá.

#### **A rua diferente**

Na minha rua estão cortando árvores  
botando trilhos  
construindo casas.

Minha rua acordou mudada.  
Os vizinhos não se conformam.  
Eles não sabem que a vida  
tem dessas exigências brutas.

Só minha filha goza o espetáculo  
e se diverte com os andaimes,  
a luz da solda autógena  
e o cimento escorrendo nas fôrmas.

#### **Lagoa**

Eu não vi o mar.  
Não sei se o mar é bonito,  
não sei se ele é bravo.  
O mar não me importa.

Eu vi a lagoa.  
A lagoa, sim.  
A lagoa é grande  
e calma também.

Na chuva de cores  
da tarde que explode  
a lagoa brilha  
a lagoa se pinta  
de todas as cores.  
Eu não vi o mar.  
Eu vi a lagoa...

### **Cantiga de viúvo**

A noite caiu na minh'alma,  
fiquei triste sem querer.  
Uma sombra veio vindo,  
veio vindo, me abraçou.  
Era a sombra de meu bem  
que morreu há tanto tempo.

Me abraçou com tanto amor  
me apertou com tanto fogo  
me beijou, me consolou.

Depois riu devagarinho,  
me disse adeus com a cabeça  
e saiu. Fechou a porta.  
Ouvi seus passos na escada.  
Depois mais nada...  
acabou.

### **O que fizeram no natal**

Natal.  
O sino longe toca fino.  
Não tem neves, não tem gelos.  
Natal.  
Já nasceu o deus menino.  
As beatas foram ver,  
encontraram o coitadinho  
(Natal)  
mais o boi mais o burrinho  
e lá em cima  
a estrelinha alumando.  
Natal.  
As beatas ajoelharam  
e adoraram o deus nuzinho  
mas as filhas das beatas  
e os namorados das filhas,  
mas as filhas das beatas  
foram dançar *black-bottom*  
nos clubes sem presépio.

### **Política literária**

*A Manuel Bandeira*

O poeta municipal  
discute com o poeta estadual  
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal  
tira ouro do nariz.

### **Sentimental**

Ponho-me a escrever teu nome  
com letras de macarrão.  
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas  
e debruçados na mesa todos contemmplam esse rom^ntico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra,  
uma letra somente  
para acabar teu nome!

— Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

Eu estava sonhando...  
Ehá em todas as consciências um cartaz amarelo:  
“Neste país é proibido sonhar.”

### **No meio do caminho**

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

### **Igreja**

*A Wellington Brandão*

Tijolo  
areia  
andaime  
água tijolo.  
O canto dos homens trabalhando trabalhando  
mais perto do céu  
cada vez mais perto  
mais  
— a torre.

E nos domingos a litania dos perdões, o murmúrio das invocações.  
O padre que fala do inferno  
sem nunca ter ido lá.  
Pernas de seda ajoelham mostrando geolhos.  
Um sino canta a saudade de qualquer coisa sabida e já esquecida.  
A manhã pintou-se de azul.  
No adro ficou o ateu,  
no alto ficou Deus.  
Domingo...  
Bem bão! Bem bão!  
Os serafins, no meio, entoam quirieleisão.

### **Poema que aconteceu**

Nenhum desejo neste domingo  
nenhum problema nesta vida  
o mundo parou de repente  
os homens ficaram calados  
domingo sem fim nem começo.

A mão que escreve este poema  
não sabe que está escrevendo  
mas é possível que se soubesse  
nem ligasse.

### **Esperteza**

Tenho vontade de  
— ponhamos amar  
por esporte uma louira  
o espaço de um dia.

Certo me tornaria  
brinquedo nas suas mãos.

Apanharia, sorriria  
mas acabado o jogo  
não seria mais joguete,  
seria eu mesmo.

E ela ficaria espantada  
de ver um homem esperto.

### **Política**

*A Mário Cassassanta*

Vivia jogado em casa.  
Os amigos o abandonaram  
quando rompeu com o chefe político.  
O jornal governista ridicularizava seus versos,  
os versos que ele sabia bons.

Sentia-se diminuído na sua glória  
enquanto crescia a dos rivais  
que apoiavam a Câmara em exercício.

Entrou a tomar porres  
violentos, diários.  
E a desleixar os versos.  
Se já não tinha discípulos.  
Se só os outros poetas eram imitados.

Uma ocasião em que não tinha dinheiro  
para tomar o seu conhaque  
saiu à toa pelas ruas escuras.  
Parou na ponte sobre o rio moroso,  
o rio que lá embaixo pouco se importava com ele  
e no entanto o chamava

para misteriosos carnavais.

E teve vontade de se atirar  
(só vontade).

Depois voltou para casa  
livre, sem correntes  
muito livre, infinitamente  
livre livre livre que nem uma besta  
que nem uma coisa.

### **Poema do Jornal**

O fato ainda não acabou de acontecer  
e já a mão nervosa do repórter  
o transforma em notícia.  
O marido está matando a mulher.

A mulher ensangüentada grita.  
Ladrões arrombam o cofre.  
A polícia dissolve o *meeting*.  
A pena escreve.

Vem da sala de linotipos a doce música mecânica.

### **Sweet Home**

*A Ribeiro Couto*

Quebra-luz, aconchego.  
Teu braço morno me envolvendo.  
A fumaça de meu cachimbo subindo.  
Como estou bem nesta poltrona de humorista inglês.

O jornal conta histórias, mentiras...  
Ora afinal a vida é um bruto romance  
e nós vivemos folhetins sem o saber.

Mas surge o imenso chá com torradas,  
chá de minha burguesia contente.  
Ó gozo de minha poltrona!  
Ó doçura de folhetim!  
Ó bocejo de felicidade!

### **Nota social**

O poeta chega na estação.  
O poeta desembarca.  
O poeta toma um auto.  
O poeta vai para o hotel.  
E enquanto ele faz isso  
como qualquer homem da terra,  
uma ovação o persegue  
feito vaia.  
Bandeirolas  
abrem alas.

Bandas de música. Foguetes.  
Discursos. Povo de chapéu de palha.  
Máquinas fotográficas assestadas.  
Automóveis imóveis.  
Bravos...  
O poeta está melancólico.

Numa árvore do passeio público  
(melhoramento da atual administração)  
árvore gorda, prisioneira  
de anúncios coloridos,  
árvore banal, árvore que ninguém vê  
canta uma cigarra.  
Canta uma cigarra que ninguém ouve  
um hino que ninguém aplaude.  
Canta, no sol danado.

O poeta entra no elevador  
o poeta sobe  
o poeta fecha-se no quarto.

O poeta está melancólico.

### **Coração numeroso**

Foi no Rio.  
Eu passava na Avenida quase meia-noite.  
Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.  
Havia a promessa do mar  
e bondes tilintavam,  
abafando o calor  
que soprava no vento  
e o vento vinha de Minas.

Meus paralíticos sonhos desgosto de viver  
(a vida para mim é vontade de morrer)  
faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente  
na Galeria Cruzeiro quente quente  
e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,  
nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com isso.

Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas  
autos abertos correndo caminho do mar  
voluptosidade errante do calor  
mil presentes da vida aos homens indiferentes,  
que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.

O mar batia em meu peito, já não sabia no cais.  
A rua acabou, quede árvores? a cidade sou eu  
a cidade sou eu  
sou eu a cidade  
meu amor.

### **Poesia**

Gastei uma hora pensando um verso  
que a pena não quer escrever.  
No entanto ele está cá dentro  
inquieta, vivo.  
Ele está cá dentro  
e não quer sair.  
Mas a poesia deste momento  
inunda minha vida inteira.

### **Festa no brejo**

A saparia desesperada  
coaxa coaxa coaxa.  
O brejo vibra que nem caixa  
de guerra. Os sapos estão danados.

A lua gorda apareceu  
e clareou o brejo todo.  
Até à lua sobe ao coro  
da sapataria desesperada.

A saparia toda de Minas  
coaxa no brejo humilde.  
Hoje tem festa no brejo!

### **Jardim da praça da Liberdade**

*A Gustavo Capanema*

Verdes bulindo.  
Sonata cariciosa da água  
fugindo entre rosas geométricas.  
Ventos elísios.  
Macio.  
Jardim tão pouco brasileiro... mas tão lindo.

Paisagem sem fundo.  
A terra não sofreu para dar estas flores.  
Sem ressonância.  
O minuto que passa  
desabrochando em floração inconsciente.  
Bonito demais. Sem humanidade.  
Literário demais.

(Pobres jardins do meu sertão,  
atrás da Serra do Curral!  
Nem repuxos frios nem tanques langues,  
nem bombas nem jardineiros oficiais.  
Só o mato crescendo indiferente entre sempre-vivas desbotadas  
e o olhar desditoso da moça desfolhando malmequeres.)

Jardim da Praça da Liberdade,  
Versailles entre bondes.  
Na moldura das Secretarias compenetradas  
a graça inteligente da relva  
compõe o sonho dos verdes.

PROIBIDO PISAR NO GRAMADO

Talvez fosse melhor dizer:

PROIBIDO COMER O GRAMADO

A prefeitura vigilante

Vela a soneca das ervinhas.

E o capote preto do guarda é uma bandeira na noite estrelada de funcionários.

De repente uma banda preta

vermelha retinta suando

bate um dobrado batuta

na doçura

do jardim.

Repuxos espavoridos fugindo.

### **Cidadezinha qualquer**

Casas entre bananeiras

mulheres entre laranjeiras

pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

### **Fuga**

As atitudes inefáveis,

os inexprimíveis delíquios,

êxtases, espasmos, beatitudes

não são possíveis no Brasil.

O poeta vai enchendo a mala,

põe camisas, punhos loções,

um exemplar da *Imitação*

e parte para outros rumos.

A vaia amarela dos papagaios

rompe o silêncio da despedida.

— Se eu tivesse cinco mil pernas

(diz ele) fugia com todas elas.

Povo feio, moreno, bruto,

não respeita meu fraque preto.

Na Europa reina a geometria

e todo mundo anda — como eu — de luto.

Estou de luto por Anatole

France, o de *Thaïs*, jóia soberba.

Não há cocaína, não há morfina

igual a essa divina

papa-fina.

Vou perder-me nas mil orgias  
do pensamento greco-latino.  
Museus! estátuas! catedrais!  
O Brasil só tem canibais.

Dito isso fechou-se em copas.  
Joga-lhe um mico uma banana,  
por um tico não vai ao fundo.

Enquanto os bárbaros sem barbas  
sob o Cruzeiro do Sul  
se entregam perdidamente  
sem anatólios nem capitólios  
aos deboches americanos.

### **Sinal de apito**

Um silvo breve: Atenção, siga.

Dois silvos breves: Pare.

Um silvo breve à noite: Acenda a lanterna.

Um silvo longo: Diminua a marcha.

Um silvo longo e breve: Motoristas a postos.

(A este sinal todos os motoristas tomam lugar  
nos seus veículos para movimentá-los imediatamente.)

### **Papai Noel às avessas**

*A Afonso Arinos (sobrinho)*

Papai Noel entrou pela porta dos fundo  
(no Brasil as chaminés não são praticáveis),  
entrou cauteloso que nem marido depois da farra.  
Tateando na escuridão torceu o comutador  
e a eletricidade bateu nas coisas resignadas,  
coisas que continuavam coisas no mistério do Natal.  
Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,  
achou um queijo e comeu.

Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender.  
Teve medo talvez de pegar fogo nas barbas postiças  
(no Brasil os Papai-Noéis são todos de cara raspada)  
e avançou pelo corredor branco de luar.  
Aquele quarto é o das crianças.  
Papai entrou compenetrado.

Os meninos dormiam sonhando outros natais muito mais lindos  
mas os sapatos deles estavam cheinhos de brinquedos  
soldados mulheres elefantes navios  
e um presidente de república de celulóide.

Papai Noel agachou e recolheu aquilo tudo  
no interminável lenço vermelho de alcobaça.  
Fez a trouxa e deu o nó, mas apertou tanto  
que lá dentro mulheres elefantes soldados presidentes brigavam por causa do aperto.

Os pequenos continuavam dormindo.  
Longe um galo comunicou o nascimento de Cristo.  
Papai Noel voltou de manso para a cozinha,  
apagou a luz, saiu pela porta dos fundos.

Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes.

### **Quadrilha**

João amava Teresa que amava Raimundo  
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili  
que não amava ninguém.  
João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,  
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,  
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes  
que não tinha entrado na história.

### **Família**

Três meninos e duas meninas,  
Sendo uma ainda de colo.  
A cozinheira preta, a copeira mulata,  
o papagaio, o gato, o cachorro,  
as galinhas gordas no palmo de horta  
e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,  
o cigarro, o trabalho, a reza,  
a goiabada na sobremesa de domingo,  
o palito nos dentes contentes,  
o gramofone rouco toda noite  
e a mulher que trata de tudo.

O agiota, o leiteiro, o turco,  
o médico uma vês por mês,  
o bilhete todas as semanas  
branco! Mas a esperança sempre verde.  
A mulher que trata de tudo  
e a felicidade.

### **O sobrevivente**

*A Cyro dos Anjos*

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.  
Impossível escrever um poema — uma linha que seja — de verdadeira poesia.  
O último trovador morreu em 1914.  
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.  
Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.  
Se quer fumar um charuto aperte um botão.  
Paletós abotoam-se por eletricidade.  
Amor se faz pelo sem fio.  
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda  
falta muito para atingirmos um nível razoável

de cultura. Mas até lá, felizmente,  
estarei morto.

Os homens não melhoraram  
e matam-se como percevejos.  
Os percevejos heróicos renascem.  
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.  
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.  
(Desconfio que escrevi o poema.)

### **Moça e soldado**

Meus olhos espiam  
a rua que passa.

Passam mulheres,  
passam soldados.  
Moça bonita foi feita para  
namorar.  
Soldado barbudo foi feito para  
brigar.

Meus olhos espiam  
as pernas que passam.  
Nem todas são grossas...  
Meus olhos espiam.  
Passam soldados.  
... mas todas são pernas.  
Meus olhos espiam.  
Tambores, clarins  
e pernas que passam.  
Meus olhos espiam  
espiam espiam  
soldados que marcham  
moças bonitas  
soldados barbudos  
...para namorar,  
para brigar.  
Só eu não brigo.  
Só eu não namoro.

### **Anedota búlgara**

Era uma vez um czar naturalista  
que caçava homens.  
Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e andorinhas,  
ficou muito espantado  
e achou uma barbaridade.

### **Música**

*A Pedro Nava*

Uma coisa triste no fundo da sala.  
Me disseram que era Chopin.  
A mulher de braços redondos que nem coxas  
martelava na dentadura dura

sob o lustre complacente.  
Eu considere as contas que preciso pagar,  
os passos que era preciso dar,  
as dificuldades...  
Enquadrei o Chopim na minha tristeza  
e na dentadura amarela e preta  
meus cuidados voaram como borboletas.

### **Cota zero**

*Stop.*  
A vida parou  
ou foi o automóvel?

### **Iniciação amorosa**

A rede entre duas mangueiras  
Balançava no mundo profundo.  
O dia era quente, sem vento.  
O sol lá em cima,  
as folhas no meio,  
o dia era quente.  
E como eu não tinha que fazer vivia namorando as pernas morenas da lavadeira.

Um dia ela veio para a rede,  
se enroscou nos meus braços,  
me deu um abraço,  
me deu as maminhas  
que erma só minhas.  
A rede virou,  
o mundo afundou.

Depois fui para a cama  
febre 40 graus de febre.  
Uma lavadeira, com duas tetas imensas, girava no espaço verde.

### **Balada do amor através das idades**

Eu te gosto, você me gosta  
desde tempos imemoriais.  
Eu era grego, você troiana,  
troiana mas não Helena.  
Saí do cavalo de pau  
para matar seu irmão.  
Matei, brigamos, morremos.

Virei soldado romano,  
perseguidor de cristãos.  
Na porta da catacumba  
encontrei-te novamente.  
Mas quando vi você nua  
caída na areia do circo  
e o leão que vinha vindo,  
dei um pulo desesperado  
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro,  
flagelo da Tripolitânia.  
Toquei fogo na fragata  
onde você se escondia  
da fúria de meu bergantim.  
Mas quando ia te pegar  
e te fazer minha escrava,  
você fez o sinal-da-cruz  
e rasgou o peito a punhal...  
Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)  
fui cortesão de Versailles,  
espírituoso e devasso.  
Você cismou de ser freita...  
Pulei muro de convento  
mas complicações políticas  
nos levaram à guilhotina.

Hoje sou moço moderno,  
remo, pulo, danço, boxo,  
tenho dinheiro no banco.  
Você é uma loura notável,  
boxa, dança, pula, rema.  
Seu pai é que não faz gosto.  
Mas depois de muitas peripécias,  
eu, herói da Paramount,  
te abraço, beijo e casamos.

### **Cabaré mineiro**

A dançarina espanhola de Montes Claros  
dança e redança na sala mestiça.  
Com olhos morenos estou despindo  
seu corpo gordo picado de mosquito.  
Tem um sinal de bala na coxa direita,  
o riso postiço de um dente de ouro,  
mas é linda, linda, gorda e satisfeita.  
Como rebola as nádegas amarelas!  
Cem olhos brasileiros estão seguindo  
o balanço doce e mole de suas tetas...

### **Quero me casar**

Quero me casar  
na noite na rua  
no mar ou no céu  
quero me casar.

Procuro uma noiva  
loura morena  
preta ou azul  
uma noiva verde  
uma noiva no ar

como um passarinho.

Depressa, que o amor  
não pode esperar!

### **Epigrama para Emílio Moura**

Tristeza de ver s tarde cair  
como cai uma folha.  
(No Brasil não há outono  
mas as folhas caem.)

Tristeza de comprar um beijo  
como quem compra jornal.  
Os que amam sem amor  
não terão o reino dos céus.

Tristeza de guardar um segredo  
que todos sabem  
e não contar a ninguém  
(que esta vida não presta).

### **Sociedade**

O homem disse para o amigo:  
– Breve irei a tua casa  
e levarei minha mulher.

O amigo enfeitou a casa  
e quando o homem chegou com a mulher,  
soltou uma dúzia de foguetes.

O homem comeu e bebeu.  
A mulher bebeu e cantou.  
Os dois dançaram.  
O amigo estava muito satisfeito.

Quando foi hora de sair,  
o amigo disse para o homem:  
– Breve irei a tua casa.  
E apertou a mão dos dois.

No caminho o homem resmungava:  
– Ora essa, era o que faltava.  
E a mulher ajunta: – Que idiota.

– A casa é um ninho de pulgas.  
– Reparaste o bife queimado?  
O piano ruim e a comida pouca.

E todas as quintas-feiras  
eles voltam à casa do amigo  
que ainda não pôde retribuir a visita.

### **Elegia do rei de Sião**

Pobre rei de Sião que morreu de desgosto  
por não ter um filho varão.  
Pobre rei de Bangkok educado em Oxford,  
pequenino, bonito, decorativo,  
que morreu especialmente para nos comover.  
O filho que desejava, a Ásia não deu,  
e seu desejo de um filho era maior que a Ásia.  
Pobre rei de Sião que Camões não cantou.  
Amou três mulheres em vez de dez mil  
e nenhuma lhe deu um filho varão.  
De sua costela rela nasceu uma pequenina siamesa.  
Ao vê-la, o rei caiu para trás como um europeu,  
adoeceu, bebeu um veneno terrível e morreu.

Seu coração enegreceu de repente,  
o corpo ficou todo fofo.

Depois queimaram o corpo fofo e o coração preto numa fogueira esplêndida  
e a alma do rei de Sião fugiu entre os canais.

Pobre reizinho de Sião.

#### **Sesta**

*A Martins de Almeida*

A família mineira  
está quentando sol  
sentada no chão  
calada e feliz.  
O filho mais moço  
olha para o céu,  
para o sol não,  
para o cacho de bananas.  
Corta ele, pai.  
O pai corta o cacho  
e distribui pra todos.  
A família mineira  
está comendo banana.  
A filha mais velha  
coça uma pereba  
bem acima do joelho.  
A saia não esconde  
a coxa morena  
sólida construída,  
mas ninguém repara.  
Os olhos se perdem  
na linha ondulada  
do horizonte próximo  
(a cerca da horta).  
A família mineira  
olha para dentro.  
O filho mais velho  
canta uma cantiga  
nem trite nem alegre,

uma cantiga apenas  
mole que adormece.  
Só um mosquito rápido  
mostra inquietação.  
O filho mais moço  
ergue o braço rude  
enxota o importuno.  
A família mineira  
está dormindo ao sol.

### Outubro 1930

Suores misturados  
no silêncio noturno.  
O companheiro ronca.  
O ruído igual  
dos tiros e o silêncio  
na sala onde os corpos  
são coisas escuras.  
O soldado deitado  
pensando na morte.

De 5 em 5 minutos um ciclista trazia ao Estado Maior um feixe de telegramas contendo, comprimida, a trepidação dos setores. O radio telegrafista ora triste ora alegre empunhava um papel que era a vitória ou a derrota. Nós descansávamos, jogados sobre poltronas, e abríamos para as notícias olhos que não viam, olhos que perguntavam. Às 3 da madrugada, pontualmente, recomeçava o tiroteio.

O funcionário deitado  
não pensa na morte.  
Pensa no amor  
tornado impossível  
no minuto guerreiro.  
E fecha os olhos  
para ver bem  
o amor com sua espada  
de fogo sobre a cabeça  
de todos os homens,  
legalistas, rebeldes.

O inimigo resistia sempre e foi preciso cortar a água do quartel. Como resistisse ainda, a água circulou de novo, desta vez azul, de metileno. A torneira aberta escorre desinfetante. O canhão fabricado em Minas — suave temperamento local — não disparou.

Olha a negra, olha a negra,  
a negra fugindo  
com a trouxa de roupa,  
olha a bala na negra,  
olha a negra no chão  
e o cadáver com os seios enormes, expostos, inúteis.

O general, com seus bigodes tumultuosos, era o mais doce dos seres, e destilava uma ternura vaporosa em seu costume de usar *culotte* sem perneiras. A um canto do salão atulhado de mapas e em que telefones esticados retiniam trazendo fatos, levando ordens, eu fazia, exercício fácil, a caricatura do seu imenso nariz. Que todos acharam ótima e reprovaram com indignação cívica.

A esta hora no Recife,  
em Guaxupé, Turvo, Jaguará,  
Itararé,  
Baixo Guandu,  
Igarapava,  
Chiador,  
homens estão se matando  
com as necessárias cautelas.  
Pelo Brasil inteiro há tiros, granadas,  
literatura explosiva de boletins,  
mulheres carinhosas cosendo fardas  
com bolsos onde estudantes guardarão retratos  
das respectivas, longínquas namoradas,  
homens preparando discursos,  
outros, solertes, captando rádios,  
minando pontes,  
outros (são governadores) dando o fora,  
pedidos de comissionamento  
por atos de bravura,  
ordens do dia,  
“o inimigo (?) retirou-se em fuga precipitada,  
deixando abundante material bélico,  
cinco mortos e vinte feridos...”  
Um novo, claro Brasil  
surge, indeciso, da pólvora.  
Meu Deus, tomai conta de nós.

Deus vela o sono dos brasileiros.  
Anjos alvíssimos espreitam  
a hora de apagar a luz de teu quarto  
para abrirem sobre ti as asas  
que afugentam os maus espíritos  
e purificam os sonhos.  
Deus vela o sono e o sonho dos brasileiros.  
Mas eles acordam e brigam de novo.

### **Explicação**

Meu verso é minha consolação.  
Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.  
Para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-flandres,  
folha de taioba, pouco importa: tudo serve.

Para louvar a Deus como para aliviar o peito,  
queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e trabalhos  
é que faço meu verso. E meu verso me agrada.

Meu verso me agrada sempre...  
Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma cambalhota,  
mas não é para o público, é para mim mesmo essa cambalhota.  
Eu bem me entendo.  
Não sou alegre. Sou até muito triste.  
A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta sombra mole, preguiçosa.  
Há dias em que ando na rua de olhos baixos  
para que ninguém desconfie, ninguém perceba

que passei a noite inteira chorando.  
Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson,  
de repente ouço a voz de uma viola...  
saio desanimado...  
Ah, ser filho de fazendeiro!  
À beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego vagabundo,  
é sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.  
E a gente viajando na pátria sente saudades na pátria.  
Aquele casa de nove andares comerciais  
é muito interessante.  
A casa colonial da fazenda também era...  
No elevador penso na roça,  
na roça penso no elevador.

Quem me fez assim foi minha gente e minha terra  
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.  
Para mim, de todas as burrices, a maior é suspirar pela Europa  
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro  
e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.  
O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.  
Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,  
lê o seu jornal, mete a língua no governo,  
queixa-se da vida (a vida está tão cara)  
e no fim dá certo.

Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.  
Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?

## **Romaria**

*A Milton Campos*

Os romeiros sobem a ladeira  
cheia de espinhos, cheia de pedras,  
sobem a ladeira que leva a Deus  
e vão deixando culpas no caminho.

Os sinos tocam, chamam os romeiros:  
Vinde lavar os vossos pecados.  
Já estamos puros, sino, obrigados,  
mas trazemos flores, prendas e rezas.

No alto do morro chega a procissão.  
Um leproso de opa empunha um estandarte.  
As coxas das romeiras brincam no vento.  
Os homens cantam, cantam sem parar.

Jesus no lenho expira magoado.  
Faz tanto calor, há tanta algazarra.  
Nos olhos do santo há sangue que escorre.  
Ninguém não percebe, o dia é de festa.

No adro da igreja há pinga, café,  
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros  
e um sol imenso que lambuza de ouro  
o pó das feridas e o pó das muletas.

Meu Bom Jesus que tudo podeis,  
humildemente te peço uma graça.  
Sarai-me, Senhor, e não desta lepra,  
do amor que eu tenho e que ninguém me tem.

Senhor, meu amo, dai-me dinheiros,  
muito dinheiro para eu comprar  
aquilo que é caro mas é gostoso  
e na minha terra ninguém não pissui.

Jesus me Deus pregado na cruz,  
me dá coragem pra eu matar  
um que me amola de dia e de noite  
e diz gracinhas a minha mulher.

Jesus Jesus piedade de mim.  
Ladrão eu sou mas não sou ruim não.  
Por que me perseguem não posso dizer.  
Não quero ser preso, Jesus ó meu santo.

Os romeiros pedem com olhos,  
pedem com a boca, pedem com as mãos.  
Jesus já cansado de tanto pedido  
dorme sonhando com outra humanidade.

### **Poema de purificação**

Depois de tantos combates  
o anjo bom matou o anjo mau  
e jogou seu corpo no rio.

As águas ficaram tintas  
de um sangue que não descorava  
e os peixes todos morreram.

Mas uma luz que ninguém soube  
dizer de onde tinha vindo  
apareceu para clarear o mundo,  
e outro anjo pensou a ferida  
do anjo batalhador.



**Aurora**

O poeta ia bêbedo no bonde.  
O dia nascia atrás dos quintais.  
As pensões alegres dormiam tristíssimas.  
As casas também iam bêbedas.

Tudo era irreparável.  
Ninguém sabia que o mundo ia acabar  
(apenas uma criança percebeu mas ficou calada),  
que o mundo ia acabar às 7 e 45.  
Últimos pensamentos! últimos telegramas!  
José, que colocava pronomes,  
Helena, que amava os homens,  
Sebastião, que se arruinava,  
Artur, que não dizia nada,  
embarcam para a eternidade.

O poeta está bêbedo, mas  
escuta um apelo na aurora:  
Vamos todos dançar  
entre o bonde e a árvore?

Entre o bonde e a árvore  
dançai, meus irmãos!  
Embora sem música  
dançai, meus irmãos!  
Os filhos estão nascendo  
com tamanha espontaneidade.  
Como é maravilhoso o amor  
(o amor e outros produtos).  
Dançai, meus irmãos!  
A morte virá depois  
como um sacramento.

### **Soneto da perdida esperança**

Perdi o bonde e a esperança.  
Volto pálido para casa.  
A rua é inútil e nenhum auto  
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta  
em que os caminhos se fundem.  
Todos eles conduzem ao  
princípio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo  
ou se é alguém que se diverte  
por que não? na noite escassa

com um insolúvel flautim.  
Entretanto há muito tempo  
nós gritamos: sim! ao eterno

### Hino nacional

Precisamos descobrir o Brasil!  
Escondido atrás das florestas,  
com a água dos rios no meio,  
o Brasil está dormindo, coitado.  
Precisamos colonizar o Brasil.

O que faremos importando francesas  
muito louras, de pele macia,  
alemãs gordas, russas nostálgicas para  
*garçonnettes* dos restaurantes noturnos.

E virão sírias fidelíssimas.  
Não convém desprezar as japonesas.

Precisamos educar o Brasil.  
Compraremos professores e livros,  
assimilaremos finas culturas,  
abriremos *dancings* e subvencionaremos as elites.

Cada brasileiro terá sua casa  
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,  
salão para conferências científicas.  
E cuidaremos do Estado Técnico.

Precisamos louvar o Brasil.  
Não é só um país sem igual.  
Nossas revoluções são bem maiores  
do que quaisquer outras; nossos erros também.  
E nossas virtudes? A terra das sublimes paixões...  
os Amazonas inenarráveis... os incríveis João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil.  
Se bem que seja difícil caber tanto oceano e tanta solidão  
no pobre coração já cheio de compromissos...  
se bem que seja difícil compreender o que querem esses homens,  
por que motivo eles se juntaram e qual a razão de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!  
Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado,  
ele quer repousar de nossos terríveis carinhos.  
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!  
Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil.  
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?

### **Em face dos últimos acontecimentos**

Oh! sejamos pornográficos  
(docemente pornográficos).  
Por que seremos mais castos  
que o nosso avô português?

Oh! sejamos navegantes,  
bandeirantes e guerreiros

sejam tudo que quiserem,  
sobretudo pornográficos.

A tarde pode ser triste  
e as mulheres podem doer  
como dói um soco no olho  
(pornográficos, pornográficos).

Teus amigos estão sorrindo  
de tua última resolução.  
Pensavam que o suicídio  
fosse a última resolução.  
Não compreendem, coitados,  
que o melhor é ser pornográfico.

Propõe isso ao teu vizinho,  
ao condutor do teu bonde,  
a todas as criaturas  
que são inúteis e existem,  
propõe ao homem de óculos  
e à mulher da trouxa de roupa.  
Dize a todos: Meus irmãos,  
não quereis ser pornográficos?

### **Necrológio dos desiludidos do amor**

Os desiludidos do amor  
estão desfechando tiros no peito.  
Do meu quarto ouço a fuzilaria.  
As amadas torcem-se de gozo.  
Oh quanta matéria para os jornais.

Desiludidos mas fotografados,  
escreveram cartas explicativas,

tomaram todas as providências  
para o remorso das amadas.  
Pum pum pum adeus, enjoada.  
Eu vou, tu ficas, mas os veremos  
seja no claro céu ou no turvo inferno.

Os médicos estão fazendo a autópsia  
dos desiludidos que se mataram.  
Que grandes corações eles possuíam.  
Vísceras imensas, tripas sentimentais  
e um estômago cheio de poesia...

Agora vamos para o cemitério  
levar os corpos dos desiludidos  
encaixotados completamente  
(paixões de primeira e de segunda classe).

Os desiludidos seguem iludidos,  
sem coração, sem tripas, sem amor.  
Única fortuna, os seus dentes de ouro  
não servirão de lastro financeiro  
e cobertos de terra perderão o brilho  
enquanto as amadas dançarão um samba  
bravo, violento, sobre a tumba deles.

### Sentimento do mundo

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu  
estará morto e saqueado,

eu mesmo estarei morto,  
morto meu desejo, morto  
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram  
que havia uma guerra  
e era necessário  
trazer fogo e alimento.  
Sinto-me disperso,  
anterior a fronteiras,  
humildemente vos peço  
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desfiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microscopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados  
ao amanhecer

esse amanhecer  
mais noite que a noite.

### **Confidência do Itabirano**

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!

### **Congresso Internacional do Medo**

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

## Privilégio do mar

Neste terraço mediocrementemente confortável,  
bebemos cerveja e olhamos o mar.  
Sabemos que nada nos acontecerá.

O edifício é sólido e o mundo também.

Sabemos que cada edifício abriga mil corpos  
labutando em mil compartimentos iguais.  
Às vezes, alguns se inserem fatigados no elevador  
e vem cá em cima respirar a brisa do oceano,  
o que é privilégio dos edifícios.

O mundo é mesmo de cimento armado.

Certamente, se houvesse um cruzador louco,  
fundeado na baía em frente da cidade,  
a vida seria incerta... improvável...  
Mas nas águas tranqüilas só há marinheiros fiéis.  
Como a esquadra é cordial!

Podemos beber honradamente nossa cerveja.

## Inocentes do Leblon

Os inocentes do Leblon  
não viram o navio entrar.  
Trouxe bailarinas?  
trouxe imigrantes?  
trouxe um grama de rádio?  
Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,  
mas a areia é quente, e há um óleo suave  
que eles passam nas costas, e esquecem.

## Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.

### Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,  
a vida presente.

## Mundo grande

Não, meu coração não é maior que o mundo.  
É muito menor.  
Nele não cabem nem as minhas dores.  
Por isso gosto tanto de me contar.  
Por isso me dispo,  
por isso me grito,  
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:  
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.  
Só agora vejo que nele não cabem os homens.  
Os homens estão cá fora, estão na rua.  
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.  
Mas também a rua não cabe todos os homens.  
A rua é menor que o mundo.  
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.  
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.  
Viste as diferentes cores dos homens,  
as diferentes dores dos homens,  
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso  
num só peito de homem... sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.  
Escuta a água nos vidros,  
tão calma, não anuncia nada.  
Entretanto escorre nas mãos,  
tão calma! Vai inundando tudo...  
Renascerão as cidades submersas?  
Os homens submersos – voltarão?

Meu coração não sabe.  
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.  
Só agora descubro  
como é triste ignorar certas coisas.  
(Na solidão de indivíduo  
desaprendi a linguagem  
com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,  
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.  
Nunca escutei voz de gente.  
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei  
países imaginários, fáceis de habitar,  
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao suicídio.

Meus amigos foram às ilhas.  
Ilhas perdem o homem.  
Entretanto alguns se salvaram e  
trouxeram a notícia  
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,  
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.  
Entre o amor e o fogo,  
entre a vida e o fogo,  
meu coração cresce dez metros e explode.  
– Ó vida futura! Nós te criaremos.

## **A bruxa**

*A Emil Farhat*

Nesta cidade do Rio,  
de dois milhões de habitantes,  
estou sozinho no quarto,  
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?  
Ainda há pouco um ruído  
anunciou vida ao meu lado.  
Certo não é vida humana,  
mas é vida. E sinto a bruxa  
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!  
E nem precisava tanto...  
Precisava de um amigo,  
desses calados, distantes,  
que lêem verso de Horácio  
mas secretamente influem  
na vida, no amor, na carne.

Estou só, não tenho amigo,  
e a essa hora tardia  
como procurar amigo?

E nem precisava tanto.  
Precisava de mulher  
que entrasse neste minuto,  
recebesse este carinho,  
salvasse do aniquilamento  
um minuto e um carinho loucos  
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,  
quantas mulheres prováveis  
interrogam-se no espelho  
medindo o tempo perdido  
até que venha a manhã  
trazer leite, jornal e clama.  
Porém a essa hora vazia  
como descobrir mulher?

Esta cidade do Rio!  
Tenho tanta palavra meiga,  
conheço vozes de bichos,  
sei os beijos mais violentos,  
viajei, briguei, aprendi.  
Estou cercado de olhos,  
de mãos, afetos, procuras.  
Mas se tento comunicar-me  
o que há é apenas a noite  
e uma espantosa solidão.

Companheiros, escutai-me!  
Essa presença agitada  
querendo romper a noite  
não é simplesmente a bruxa.  
É antes a confiança  
exalando-se de um homem.

**José**

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...

Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

### **A mão suja**

Minha mão está suja.  
Preciso cortá-la.  
Não adianta lavar.  
A água está podre.  
Nem ensaboar.  
O sabão é ruim.  
A mão está suja,  
suja há muitos anos.

A princípio oculta  
no bolso da calça,  
quem o saberia?  
Gente me chamava  
na ponta do gesto.  
Eu seguia, duro.  
A mão escondida  
no corpo espalhava  
seu escuro rastro.  
E vi que era igual  
usá-la ou guardá-la.  
O nojo era um só.

Ai, quantas noites  
no fundo da casa  
lavei essa mão,  
poli-a, escovei-a.  
Cristal ou diamante,

por maior contraste,  
quisera torná-la,  
ou mesmo, por fim,  
uma simples mão branca,  
mão limpa de homem,  
que se pode pegar  
e levar à boca  
ou prender à nossa  
num desses momentos  
em que dois se confessam  
sem dizer palavra...  
A mão incurável  
abre dedos sujos.

E era um sujo vil,  
não sujo de terra,  
sujo de carvão,  
casca de ferida,  
suor na camisa  
de quem trabalhou.  
Era um triste sujo  
feito de doença  
e de mortal desgosto  
na pele enfarada.  
Não era sujo preto  
– o preto tão puro  
numa coisa branca.  
Era sujo pardo,  
pardo, tardo, cardo.

Inútil, reter  
a ignóbil mão suja  
posta sobre a mesa.  
Depressa, cortá-la,  
fazê-la em pedaços  
e jogá-la ao mar!

Com o tempo, a esperança  
e seus maquinismos,  
outra mão virá  
pura – transparente –  
colar-se a meu braço.

### Consideração do poema

Não rimarei a palavra sono  
com a incorrespondente palavra outono.  
Rimarei com a palavra carne  
ou qualquer outra, que todas me convêm.  
As palavras não nascem amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livre por vezes um desenho,  
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

Uma pedra no meio do caminho  
ou apenas um rastro, não importa.  
Estes poetas são meus. De todo o orgulho,  
de toda a precisão se incorporam  
ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius  
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.  
Que Neruda me dê sua gravata  
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakovski.  
São todos meus irmãos, não são jornais  
nem deslizar de lancha entre camélias:  
é toda a minha vida que joguei.

Estes poemas são meus. É minha terra  
e é ainda mais do que ela. É qualquer homem  
ao meio-dia em qualquer praça. É a lanterna  
em qualquer estalagem, se ainda as há.  
– Há mortos? há mercados? há doenças?  
É tudo meu. Ser explosivo, sem fronteiras,  
por que falsa mesquinhez me rasgaria?  
Que se depositem os beijos na face branca, nas principiantes rugas.  
O beijo ainda é um sinal, perdido embora,  
da ausência de comércio,  
boiando em tempos sujos.

Poeta do finito e da matéria,  
cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas,  
boca tão seca, mas ardor tão casto.  
Dar tudo pela presença dos longínquos,  
sentir que há ecos, poucos, mas cristal,  
não rocha apenas, peixes circulando  
sob o navio que leva esta mensagem,  
e aves de bico longo conferindo  
sua derrota, e dois ou três faróis,  
últimos! esperança do mar negro.  
Essa viagem é mortal, e começa-la.  
Saber que há tudo. E mover-se em meio  
a milhões e milhões de formas raras,  
secretas, duras. Eis aí meu canto.

Ele é tão baixo que sequer o escuta  
ouvido rente ao chão. Mas é tão alto  
que as pedras o absorvem. Está na mesa  
aberta em livros, cartas e remédios.  
Na parede infiltrou-se. O bonde, a rua,  
o uniforme de colégio se transformam,  
são ondas de carinho te envolvendo.

Como fugir ao mínimo objeto  
ou recusar-se ao grande? Os temas passam,  
eu sei que passarão, mas tu resistes,  
e cresces como fogo, como casa,  
como orvalho entre dedos,  
na grama, que repousam.

Já agora te sigo a toda parte,  
e te desejo e te perco, estou completo,  
me destino, me faço tão sublime,  
tão natural e cheio de segredos,  
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,  
o povo, meu poema, te atravessa.

### Procura da poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
não aquece nem ilumina.  
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.  
Não faças poesia com o corpo,  
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro  
são indiferentes.  
Nem me reveles teus sentimentos,  
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.  
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.  
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.  
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma.

O canto não é a natureza  
nem os homens em sociedade.  
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.  
A poesia (não tires poesia das coisas)  
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,  
não indagues. Não percas tempo em mentir.  
Não te aborreças.  
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,  
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família  
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas  
tua sepultada e merencória infância.  
Não osciles entre o espelho e a  
memória em dissipação.  
Que se dissipou, não era poesia.  
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e consume  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.  
Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada  
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Repara:  
ermas de melodia e conceito  
elas se refugiaram na noite, as palavras.  
Ainda úmidas e impregnadas de sono,  
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

## Caso do vestido

Nossa mãe, o que é aquele  
vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido  
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?  
Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.  
Vosso pai evém chegando.

Nossa mãe, esse vestido  
tanta renda, esse segredo!

Minhas filhas, escutai  
palavras de minha boca.

Era uma dona de longe,  
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,  
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,  
se fechou, se devorou.

Chorou no prato de carne,  
bebeu, gritou, me bateu,

me deixou com vosso berço,  
foi para a dona de longe,

mas a dona não ligou.  
Em vão o pai implorou,

dava apólice, fazenda,  
dava carro, dava ouro,

beberia seu sobejo,  
lamberia seu sapato.

Mas a dona nem ligou.  
Então vosso pai, irado,

me pediu que lhe pedisse,  
a essa dona tão perversa,

que tivesse paciência  
e fosse dormir com ele...

Nossa mãe, por que chorais?  
Nosso lenço vos cedemos.

Minhas filhas, vosso pai  
chega ao pátio. Disfarçemos.

Nossa mãe, não escutamos  
pisar de pé no degrau.

Minhas filhas, procurei  
aquela mulher do demo.

E lhe roguei que aplacasse  
de meu marido a vontade.

Eu não amo teu marido,  
me falou ela se rindo.

Mas posso ficar com ele  
se a senhora fizer gosto,

só para lhe satisfazer,  
não por mim, não quero homem.

Olhei para vosso pai,  
os olhos dele pediam.

Olhei para a dona ruim,  
os olhos dela gozavam.

O seu vestido de renda,  
de colo mui devassado,

mais mostrava que escondia  
as partes da pecadora.

Eu fiz meu pelo-sinal,  
me curvei... disse que sim.

Saí pensando na morte,  
mas a morte não chegava.

Andei pelas cinco ruas,  
passei ponte, passei rio,

visitei vossos parentes,  
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,  
mas a morte não chegava.

Fiquei fora de perigo,  
fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,  
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,  
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro  
pagou conta de farmácia.

Vosso pai sumiu no mundo.  
O mundo é grande e pequeno.

Um dia a dona soberba  
me aparece já sem nada,

pobre, desfeita, mofina,  
com sua trouxa na mão.

Dona, me disse baixinho,  
não te dou vosso marido,

que não sei onde ele anda.  
Mas te dou este vestido,

última peça de luxo  
que guardei como lembrança

daquele dia de cobra,  
da maior humilhação.

Eu não tinha amor por ele,  
ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado  
confessou que só gostava

de mim como eu era dantes.  
Me joguei a suas plantas,

fiz toda sorte de denego,  
no chão rocei minha cara,

me puxei pelos cabelos,  
me lancei na correnteza,

me cortei de canivete,  
me atirei no sumidouro,

bebi fel e gasolina,  
rezei duzentas novenas,

dona, de nada valeu:  
vosso marido sumiu.

Aqui trago minha roupa  
que recorda meu malfeito

de ofender dona casada  
pisando no seu orgulho.

Recebei esse vestido  
e me dai vosso perdão.

Olhei para a cara dela,  
quede os olhos cintilantes?

quede graça de sorriso,  
quede colo de camélia?

quede aquela cinturinha  
delgada como jeitosa?

quede pezinhos calçados  
com sandálias de cetim?

Olhei muito para ela,  
boca não disse palavra.

Peguei o vestido, pus  
nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho  
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.  
Olhou para mim em silêncio,

mal reparou no vestido  
e disse apenas: Mulher,

põe mais um prato na mesa.  
Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor,  
era sempre o mesmo homem,

comia meio de lado  
e nem estava mais velho.

O barulho da comida  
na boca, me acalentava,

me dava uma grande paz,  
um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho,  
vestido não há... nem nada.

Minhas filhas, eis que ouço  
vosso pai subindo a escada.

## **Morte do leiteiro**

*A* *Cyro Novaes*

Há pouco leite no país,  
é preciso entregá-lo cedo.

Há muita sede no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há no país uma legenda,  
que ladrão se mata com tiro.  
Então o moço que é leiteiro  
de madrugada com sua lata  
sai correndo e distribuindo  
leite bom para gente ruim.  
Sua lata, suas garrafas  
e seus sapatos de borracha  
vão dizendo aos homens no sono  
que alguém acordou cedinho  
e veio do último subúrbio  
trazer o leite mais frio  
e mais alvo da melhor vaca  
para todos criarem força  
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca  
não tem tempo de dizer  
as coisas que lhe atribuo  
nem o moço leiteiro ignaro,  
morados na Rua Namur,  
empregado no entreposto,  
com 21 anos de idade,  
sabe lá o que seja impulso  
de humana compreensão.  
E já que tem pressa, o corpo  
vai deixando à beira das casas  
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos  
também escondesse gente  
que aspira ao pouco de leite  
disponível em nosso tempo,  
avancemos por esse beco,  
peguemos o corredor,  
depositemos o litro...  
Sem fazer barulho, é claro,  
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil  
de passo maneiro e leve,  
antes desliza que marcha.  
É certo que algum rumor  
sempre se faz: passo errado,  
vaso de flor no caminho,  
cão latindo por princípio,  
ou um gato quizilento.  
E há sempre um senhor que acorda,  
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico  
(ladrões infestam o bairro),  
não quis saber de mais nada.

O revólver da gaveta  
saltou para sua mão.  
Ladrão? se pega com tiro.  
Os tiros na madrugada  
liquidaram meu leiteiro.  
Se era noivo, se era virgem,  
se era alegre, se era bom,  
não sei,  
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono  
de todo, e foge pra rua.  
Meu Deus, matei um inocente.  
Bala que mata gatuno  
também serve pra furto  
a vida de nosso irmão.  
Quem quiser que chame médico,  
polícia não bota a mão  
neste filho de meu pai.  
Está salva a propriedade.  
A noite geral prossegue,  
a manhã custa a chegar,  
mas o leiteiro  
estatelado, ao relento,  
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,  
no ladrilho já sereno  
escorre uma coisa espessa  
que é leite, sangue... não sei.  
Por entre objetos confusos,  
mal redimidos da noite,  
duas cores se procuram,  
suavemente se tocam,  
amorosamente se enlaçam,  
formando um terceiro tom  
a que chamamos aurora.

### **Consolo na praia**

Vamos, não chores.  
A infância está perdida.  
A mocidade está perdida.  
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.  
O segundo amor passou.

O terceiro amor passou.  
Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.  
Não tentaste qualquer viagem.  
Não possuis carro, navio, terra.  
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,  
em voz mansa, te golpearam.  
Nunca, nunca cicatrizam.  
Mas, e o *humour*?

A injustiça não se resolve.  
À sombra do mundo errado  
murmuraste um protesto tímido.  
Mas virão outros.

Tudo somado, devias  
precipitar-te, de vez, nas águas.  
Estás nu na areia, no vento...  
Dorme, meu filho

### Canção amiga

Eu preparo uma canção  
em que minha mãe se reconheça,  
todas as mães se reconheçam,  
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua  
que passa em muitos países.  
Se não se vêem, eu vejo  
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo  
como quem anda ou sorri.  
No jeito mais natural  
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas  
formam um só diamante.  
Aprendi novas palavras  
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção  
que faça acordar os homens  
e adormecer as crianças.

### A ingaia ciência

A madureza, essa terrível prenda  
que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,  
todo sabor gratuito de oferenda  
sob a glacialidade de uma estela,

a madureza vê, posto que a venda  
interrompa a surpresa da janela,  
o círculo vazio, onde se estenda,  
e que o mundo converte numa cela.

A madureza sabe o preço exato  
dos amores, dos ócios, dos quebrantos,  
e nada pode contra sua ciência

e nem contra si mesma. O agudo olfato,  
o agudo olhar, a mão, livre de encantos,  
se destroem no sonho da existência.

## Confissão

Não amei bastante meu semelhante,  
não catei o verme nem curei a sarna.  
Só proferi algumas palavras,  
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.  
(Cego é talvez quem esconde os olhos  
embaixo do catre.) E na meia-luz  
tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem  
e tudo que ele implica de suave,  
de concordâncias vegetais, murmúrios  
de riso, entrega, amor e piedade?

Não amei bastante sequer a mim mesmo,  
contudo próximo. Não amei ninguém.  
Salvo aquele pássaro – vinha azul e doido –  
que se esfacelou na asa do avião.

## Memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

## Amar

Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer,  
amar e malamar,  
amar, desamar, amar?  
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,  
sozinho, em rotação universal, senão  
rodar também, e amar?  
amar o que o mar traz à praia,  
e o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,  
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,  
o que é entrega ou adoração expectante,  
e amar o inóspito, o áspero,  
um vaso sem flor, um chão de ferro,  
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,  
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,  
doação ilimitada a uma completa ingratidão,  
e na concha vazia do amor a procura medrosa,  
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa  
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

### **O enterrado vivo**

É sempre no passado aquele orgasmo,  
é sempre no presente aquele duplo,  
é sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.  
É sempre no meu tédio aquele aceno.  
É sempre no meu sono aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.  
Sempre na minha firma a antiga fúria.  
Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.  
É sempre nos meus lábios a estampilha.  
É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.  
Sempre dentro de mim meu inimigo.  
E sempre no meu sempre a mesma ausência.

## Poema-orelha

Esta é a orelha do livro  
por onde o poeta escuta  
se dele falam mal  
ou se o amam.  
Uma orelha ou uma boca  
sequiosa de palavras?  
São oito livros velhos  
e mais um livro novo  
de um poeta inda mais velho  
que a vida que viveu  
e contudo o provoca  
a viver sempre e nunca.  
Oito livros que o tempo  
empurrou para longe  
de mim  
mais um livro sem tempo  
em que o poeta se contempla  
e se diz boa-tarde  
(ensaio de boa-noite,  
variante de bom-dia,  
que tudo é o vasto dia  
em seus compartimentos  
nem sempre respiráveis  
e todos habitados  
enfim.)  
Não me leias se buscas  
flamante novidade  
ou sopro de Camões.  
Aquilo que revelo  
e o mais que segue oculto  
em vítreos alçapões  
são notícias humanas,  
simples estar-no-mundo,  
e brincos de palavra,  
um não-estar-estando,  
mas de tal jeito urdidos

o jogo e a confissão  
que nem distingo eu mesmo  
o vivido e o inventado.  
Tudo vivido? Nada.  
Nada vivido? Tudo.  
A orelha pouco explica  
de cuidados terrenos:  
e a poesia mais rica  
é um sinal de menos.

### A um bruxo, com amor

Em certa casa da Rua Cosme Velho  
(que se abre no vazio)  
venho visitar-te; e me recebes  
na sala trajestada com simplicidade  
onde pensamentos idos e vividos  
perdem o amarelo  
de novo interrogando o céu e a noite.

Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro.  
Daí esse cansaço nos gestos e, filtrada,  
uma luz que não vem de parte alguma  
pois todos os castiçais  
estão apagados.

Contas a meia voz  
maneiras de amar e de compor os ministérios  
e deitá-los abaixo, entre malinas  
e bruxelas.  
Conheces a fundo  
a geologia moral dos Lobo Neves  
e essa espécie de olhos derramados  
que não foram feitos para ciumentos.

E ficas mirando o ratinho meio cadáver  
com a polida, minuciosa curiosidade  
de quem saboreia por tabela  
o prazer de Fortunato, vivisseccionista amador.  
Olhas para a guerra, o murro, a facada  
como para uma simples quebra da monotonia universal  
e tens no rosto antigo  
uma expressão a que não acho nome certo  
(das sensações do mundo a mais sutil):  
volúpia do aborrecimento?  
ou, grande lascivo, do nada?

O vento que rola do Silvestre leva o diálogo,  
e o mesmo som do relógio, lento, igual e seco,

tal um pigarro que parece vir do tempo da Stoltz e do gabinete Paraná,  
mostra que os homens morreram.

A terra está nua deles.

Contudo, em longe recanto,  
a ramagem começa a sussurar alguma coisa  
que não se estende logo  
a parece a canção das manhãs novas.

Bem a distingo, ronda clara:

É Flora,

com olhos dotados de um mover particular  
ente mavioso e pensativo;

Marcela, a rir com expressão cândida (e outra coisa);

Virgília,

cujos olhos dão a sensação singular de luz úmida;

Mariana, que os tem redondos e namorados;

e Sancha, de olhos intimativos;

e os grandes, de Capitu, abertos como a vaga do mar lá fora,

o mar que fala a mesma linguagem

obscura e nova de D. Severina

e das chinelinhas de alcova de Conceição.

A todas decifrares íris e braços

e delas disseste a razão última e refohada

moça, flor mulher flor

canção de mulher nova...

E ao pé dessa música dissimulas (ou insinuas, quem sabe)

o turvo grunhir dos porcos, troça concentrada e filosófica

entre loucos que riem de ser loucos

e os que vão à Rua da Misericórdia e não a encontram.

O eflúvio da manhã,

quem o pede ao crepúsculo da tarde?

Uma presença, o clarineta,

vai pé ante pé procurar o remédio,

mas haverá remédio para existir

senão existir?

E, para os dias mais ásperos, além

da cocaína moral dos bons livros?

Que crime cometemos além de viver

e porventura o de amar

não se sabe a quem, mas amar?

Todos os cemitérios se parecem,

e não pousas em nenhum deles, mas onde a dúvida

apalpa o mármore da verdade, a descobrir

a fenda necessária;

onde o diabo joga dama com o destino,

estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,

que resolves em mim tantos enigmas.

Um som remoto e brando

rompe em meio a embriões e ruínas,

eternas exéquias e aleluias eternas,

e chega ao despistamento de teu pectenê.

O estribeiro Oblivion

bate à porta e chama ao espetáculo

promovido para divertir o planeta Saturno.

Dás volta à chave,  
envolves-te na capa,  
e qual novo Ariel, sem mais resposta,  
sais pela janela, dissolves-te no ar.

## Fazenda

Vejo o Retiro: suspiro  
no vale fundo.  
O Retiro ficava longe  
do oceanomundo.  
Ninguém sabia da Rússia  
com sua foice.  
A morte escolhia a forma  
breve de um coice.  
Mulher, abundavam negras  
socando milho.  
Rês morta, urubus rasantes,  
logo em concílio.  
O amor das éguas rinchava  
no azul do pasto.  
E criação e gente, em liga,  
tudo era casto.

## Destruição

Os amantes se amam cruelmente  
e com se amarem tanto não se vêem.  
Um se beija no outro, refletido.  
Dois amantes que são? Dois inimigos.

Amantes são meninos estragados  
pelo mimo de amar: e não percebem  
quanto se pulverizam no enlaçar-se,  
e como o que era mundo volve a nada.

Nada, ninguém. Amor, puro fantasma  
que os passeia de leve, assim a cobra  
se imprime na lembrança de seu trilho.

E eles ficam mordidos para sempre.  
Deixaram de existir mas o existido  
continua a doer eternamente.

### **Para sempre**

Por que Deus permite  
que as mães vão-se embora?  
Mãe não tem limite,  
é tempo sem hora,  
luz que não apaga  
quando sopra o vento  
e chuva desaba,  
veludo escondido  
na pele enrugada,  
água pura, ar puro,  
puro pensamento.

Morrer acontece  
com o que é breve e passa  
sem deixar vestígio.  
Mãe, na sua graça,  
é eternidade.  
Por que Deus se lembra  
- mistério profundo -  
de tirá-la um dia?  
Fosse eu Rei do Mundo,  
baixava uma lei:  
Mãe não morre nunca,  
mãe ficará sempre  
junto de seu filho  
e ele, velho embora,  
será pequenino  
feito grão de milho.

### **O fim no começo**

A palavra cortada  
na primeira sílaba.  
A consoante esvanecida  
sem que a língua atingisse o alvéolo.  
O que jamais se esqueceria  
pois nem principiou a ser lembrado.  
O campo – havia, havia um campo?  
irremediavelmente murcho em sombra  
antes de imaginar-se a figura  
de um campo.

A vida não chega a ser breve.

## Parolagem da vida

Como a vida muda.  
Como a vida é muda.  
Como a vida é nula.  
Como a vida é nada.  
Como a vida é tudo.  
Tudo que se perde  
mesmo sem ter ganho.  
Como a vida é senha  
de outra vida nova  
que envelhece antes  
de romper o novo.  
Como a vida é outra  
sempre outra, outra  
não a que é vivida.  
Como a vida é vida  
ainda quando morte  
esculpida em vida.  
Como a vida é forte  
em suas algemas.  
Como dói a vida  
quando tira a veste  
de prata celeste.  
Como a vida é isto  
misturado àquilo.  
Como a vida é bela  
sendo uma pantera  
de garra quebrada.  
Como a vida é louca  
estúpida, mouca  
e no entanto chama  
a torrar-se em chama.  
Como a vida chora  
de saber que é vida  
e nunca nunca nunca  
leva a sério o homem,  
esse lobisomem.  
Como a vida ri  
a cada manhã  
de seu próprio absurdo  
e a cada momento  
dá de novo a todos  
uma prenda estranha.

Como a vida joga  
de paz e de guerra  
povoando a terra  
de leis e fantasmas.  
Como a vida toca  
seu gasto realejo  
fazendo da valsa  
um puro Vivaldi.  
Como a vida vale  
mais que a própria vida  
sempre renascida  
em flor e formiga  
em seixo rolado  
peito desolado  
coração amante.  
E como se salva  
a uma só palavra  
escrita no sangue  
desde o nascimento:  
amor, vidamor!

## Amor e seu tempo

Amor é privilégio de maduros  
estendidos na mais estreita cama,  
que se torna a mais larga e mais relvosa,  
roçando, em cada poro, o céu do corpo.

É isto, amor: o ganho não previsto,  
o prêmio subterrâneo e coruscante,  
leitura de relâmpago cifrado,  
que, decifrado, nada mais existe

valendo a pena e o preço do terrestre,  
salvo o minuto de ouro no relógio  
minúsculo, vibrando no crepúsculo.

Amor é o que se aprende no limite,  
depois de se arquivar toda a ciência  
herdada, ouvida. Amor começa tarde.

**Quero**

Quero que todos os dias do ano  
todos os dias da vida  
de meia em meia hora  
de 5 em 5 minutos  
me digas: Eu te amo.

Ouvindo-te dizer: Eu te amo,  
creio, no momento, que sou amado.  
No momento anterior  
e no seguinte,  
como sabê-lo?

Quero que me repitas até a exaustão  
que me amas que me amas que me amas.  
Do contrário evapora-se a amação  
pois ao não dizer: Eu te amo,  
desmentes  
apagas  
teu amor por mim.

Exijo de ti o perene comunicado.  
Não exijo senão isto,  
isto sempre, isto cada vez mais.  
Quero ser amado por e em tua palavra  
nem sei de outra maneira a não ser esta  
de reconhecer o dom amoroso,  
a perfeita maneira de saber-se amado:  
amor na raiz da palavra  
e na sua emissão,  
amor  
saltando da língua nacional,  
amor  
feito som  
vibração espacial.

No momento em que não me dizes:  
Eu te amo,  
inexoravelmente sei  
que deixaste de amar-me,  
que nunca me amastes antes.

Se não me disseres urgente repetido  
Eu te amoamoamoamoamo,  
verdade fulminante que acabas de desentranhar,  
eu me precipito no caos,  
essa coleção de objetos de não-amor.

**Ainda que mal**

Ainda que mal pergunte,  
ainda que mal respondas;  
ainda que mal te entenda,  
ainda que mal repitas;  
ainda que mal insista,  
ainda que mal desculpes;  
ainda que mal me exprima,  
ainda que mal me julgues;  
ainda que mal me mostre,  
ainda que mal me vejas;  
ainda que mal te encare,  
ainda que mal te furtas;  
ainda que mal te siga,  
ainda que mal te voltes;  
ainda que mal te ame,  
ainda que mal o saibas;  
ainda que mal te agarre,  
ainda que mal te mates;  
ainda assim te pergunto  
e me queimando em teu seio,  
me salvo e me dano: amor.

### **O Deus de cada homem**

Quando digo “meu Deus”,  
afirmo a propriedade.  
Há mil deuses pessoais  
em nichos da cidade.

Quando digo “meu Deus”,  
crio cumplicidade.  
Mais fraco, sou mais forte  
do que a desirmandade.

Quando digo “meu Deus”,  
grito minha orfandade.  
O rei que me ofereço  
rouba-me a liberdade.

Quando digo “meu Deus”,  
choro minha ansiedade.  
Não sei que fazer dele  
na microeternidade.

### **Deus triste**

Deus é triste.

Domingo descobri que Deus é triste  
pela semana afora e além do tempo.

A solidão de Deus é incomparável.  
Deus não está diante de Deus.  
Está sempre em si mesmo e cobre tudo  
tristinfinitamente.  
A tristeza de Deus é como Deus: eterna.

Deus criou triste.  
Outra fonte não tem a tristeza do homem.

## Homem livre

Atanásio nasceu com seis dedos em cada mão.  
Cortaram-lhe os excedentes.  
Cortassem mais dois, seria o mesmo  
admirável oficial de sapateiro, exímio seleiro.  
Lombilho que ele faz, quem mais faria?  
Tem prática de animais, grande ferreiro.

Sendo tanta coisa, nasce escravo,  
o que não é bom para Atanásio e para ninguém.  
Então foge do Rio Doce.  
Vai parar, homem livre, no Seminário de Diamantina,  
onde é cozinheiro, ótimo sempre, esse Atanásio.

Meu parente Manuel Chassim não se conforma.  
Bota anúncio no *Jequitinhonha*, explicadinho:  
Duzentos mil-réis a quem prender crioulo Atanásio.  
Mas quem vai prender homem de tantas qualidades?

## Cuidado

A porta cerrada  
não abras.  
Pode ser que encontres  
o que não buscavas  
nem esperavas.

Na escuridão  
pode ser que esbarres  
no casal em pé  
tentando se amar  
apressadamente.

Pode ser que a vela  
que trazes na mão  
te revele, trêmula,  
tua escrava nova,  
teu dono-marido.

Descuidosa, a porta  
apenas cerrada  
pode te contar  
conto que não queres  
saber.

## **Boitempo**

Entardece na roça  
de modo diferente.  
A sombra vem nos cascos,  
no mugido da vaca  
separada da cria.  
O gado é que anoitece  
e na luz que a vidraça  
da casa fazendeira  
derrama no curral  
surge multiplicada  
sua estátua de sal,  
escultura da noite.  
Os chifres delimitam  
o sono privativo  
de cada rês e tecem  
de curva em curva a ilha

do sono universal.  
No gado é que dormimos  
e nele que acordamos.  
Amanhece na roça  
de modo diferente.  
A luz chega no leite,  
morno esguicho das tetas  
e o dia é um pasto azul  
que o gado reconquista.

### Certas palavras

Certas palavras não podem ser ditas  
em qualquer lugar e hora qualquer.  
Estritamente reservadas  
para companheiros de confiança,  
devem ser sacralmente pronunciadas  
em tom muito especial  
lá onde a polícia dos adultos  
não adivinha nem alcança.

Entretanto são palavras simples:  
definem  
partes do corpo, movimentos, atos  
do viver que só os grandes se permitem  
e a nós é defendido por sentença  
dos séculos.

E tudo é proibido. Então, falamos.

## Le voyeur

No úmido porão, terra batida,  
lar de escorpiões,  
procura-se a greta entre as tábuas  
do soalho  
por onde se surpreenda a florescência  
do corpo das mulheres  
na sombra de vestido refohados  
que cobrem até os pés  
a escultura cifrada.

Entro rastejante  
dobro o corpo em dois  
à procura da greta reveladora  
de não sei que mistério radioso  
ou sombrio  
só a homens ofertado  
em sigilo de quarto e noite alta.

Encontro, mina de ouro?  
Contenho respiração.  
Dispara o coração  
no fim de longa espera  
ao rumor de saias lá em cima  
ai de mim, que nunca se devassam  
por mais que o desejo aguce a vista  
e o sangue implore uma visão  
de céu e terra encavalados.

Nada  
nada  
nada  
senão a sola negra dos sapatos  
tapando a greta do soalho.

Saio rastejante  
olhos tortos  
pescoço dolorido.  
A triste poluição foi adiada.

## **A puta**

Quero conhecer a puta.  
A puta da cidade. A única.  
A fornecedora.  
Na Rua de Baixo  
onde é proibido passar.

Onde o ar é vidro ardendo  
e labaredas torram a língua  
de quem disser: Eu quero  
a puta  
quero a puta quero a puta.

Ela arreganha dentes largos  
de longe. Na mata do cabelo  
se abre toda, chupante  
boca de mina amanteigada  
quente. A puta quente.

É preciso crescer  
esta noite a noite inteira sem parar  
de crescer e querer  
a puta que não sabe  
o gosto do desejo do menino  
o gosto menino  
que nem o menino  
sabe, e quer saber, querendo a puta.

## **Aula de português**

A linguagem  
na ponta da língua,  
tão fácil de falar  
e de entender.

A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, equipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

### **Somem canivetes**

Fica proibido o canivete  
em aula, no recreio, em qualquer parte  
pois num país civilizado  
entre estudantes civilizadíssimos,  
a nata do Brasil,  
o canivete é mesmo indesculpável.

Recolham-se pois os canivetes  
sob a guarda do irmão da Portaria.

Fica permitido o canivete  
nos passeios à chácara  
para cortar algum cipó  
descascar laranja  
e outros fins de rural necessidade.

Restituam-se pois os canivetes  
a seus proprietários  
com obrigação de serem recolhidos  
na volta do passeio, e tenho dito.

Só que na volta do passeio  
verificou-se com surpresa:  
no matinho ralo da chácara  
todos os canivetes tinham sumido.

### O fim das coisas

Fechado o Cinema Odeon, na Rua da Bahia.  
Fechado para sempre.  
Não é possível, minha mocidade  
fecha com ele um pouco.  
Não amadureci ainda bastante  
para aceitar a morte das coisas  
que minhas coisas são, sendo de outrem,  
e até aplaudi-la, quando for o caso.  
(Amadurecerei um dia?)  
Não aceito, por enquanto, o Cinema Glória,  
maior, mais americano, mais isso-e-aquilo.  
Quero é o derrotado Cinema Odeon,  
o miúdo, fora-de-moda Cinema Odeon.  
A espera na sala de espera. A matinê  
com Buck Jones, tombos, tiros, tramas.  
A primeira sessão e a segunda sessão da noite.  
A divina orquestra, mesmo não divina,  
costumeira. O jornal da Fox. William S. Hart.  
As meninas-de-família na platéia.  
A impossível (sonhada) bolinação,  
pobre sátiro em potencial.

Exijo em nome da lei ou fora da lei  
que se reabram as portas e volte o passado  
musical, waldemarpissilândico, sublime agora  
que para sempre submerge em funeral de sombras  
neste primeiro lutulento de janeiro  
de 1928.

### Antepassado

Só te conheço de retrato,  
não te conheço de verdade,  
mas teu sangue bole em meu sangue  
e sem saber te vivo em mim  
e sem saber vou copiando  
tuas imprevistas maneiras,  
mais do que isso: teu fremente  
modo de ser, enclausurado  
entre ferros de conveniência  
ou aranhóis de burguesia,  
vou descobrindo o que me deste  
sem saber que o davas, na líquida  
transmissão de taras e dons,  
vou te compreendendo, somente  
de esmerilar em teu retrato  
o que a pacatez de um retrato  
ou o seu vago negativo,  
nele implícito e reticente,  
filtra de um homem; sua face  
oculta de si mesmo; impulso  
primitivo; paixão insone  
e mais trevosas intenções  
que jamais assumiram ato  
nem mesmo sombra de palavra,  
mas ficaram dentro de ti  
cozinhas em lenha surda.  
Acabei descobrindo tudo  
que teus papéis não confessaram  
nem a memória de família  
transmitiu como fato histórico

e agora te conheço mais  
do que a mim próprio me conheço,  
pois sou teu vaso e transcendência,  
teu duende mal encarnado.  
Refaço os gestos que o retrato  
não pode ter, aqueles gestos  
que ficaram em ti à espera  
de tardia repetição,  
e tão meus eles se tornaram,  
tão aderentes ao meu ser  
que suponho tu os copiaste  
de mim antes que eu os fizesse,  
e furtando-me a iniciativa,  
meu ladrão, roubaste-me o espírito.

### Igual-desigual

Eu desconfiava:  
todas as histórias em quadrinho são iguais.  
Todos os filmes norte-americanos são iguais.  
Todos os filmes de todos os países são iguais.  
Todos os *best-sellers* são iguais.  
Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.  
Todos os partidos políticos são iguais.  
Todas as mulheres que andam na moda são iguais.  
Todas as experiências de sexo são iguais.  
Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós são iguais e todos, todos os poemas em versos livres são enfadonhamente iguais.

Todas as guerras do mundo são iguais.  
Todas as fomes são iguais.  
Todos os amores, iguais iguais iguais.  
Iguais todos os rompimentos.  
A morte é igualíssima.  
Todas as criações da natureza são iguais.  
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.  
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.  
Não é igual a nada.

Todo ser humano é um estranho  
ímpar.

## **A palavra**

Já não quero dicionários  
consultados em vão.  
Quero só a palavra  
que nunca estará neles  
nem se pode inventar.

Que resumiria o mundo  
e o substituiria.

Mais sol do que o sol,  
dentro da qual vivêssemos  
todos em comunhão,  
mudos,  
saboreando-a.

## **A falta de Érico Veríssimo**

Falta alguma coisa no Brasil  
depois da noite de sexta-feira.  
Falta aquele homem no escritório  
a tirar da máquina elétrica  
o destino dos seres,  
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom  
caminhando entre adultos  
na esperança da justiça  
que tarda – como tarda!  
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,  
aquela ternura contida, óleo  
a derramar-se lentamente.  
Falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.

### **Visão de Clarice Lispector**

Clarice,  
veio de um mistério, partiu para outro.

Ficamos sem saber a essência do mistério.  
Ou o mistério não era essencial,  
era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,  
onde a palavra parece encontrar  
sua razão de ser, e retratar o homem.

O que Clarice disse, o que Clarice  
viveu por nós em forma de história  
em forma de sonho de história  
em forma de sonho de sonho de história  
(no meio havia uma barata  
ou um anjo?)  
não sabemos repetir nem inventar.  
São coisas, são jóias particulares de Clarice  
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.

Clarice não foi um lugar-comum,  
carteira de identidade, retrato.  
De Chirico a pintou? Pois sim.

O mais puro retrato de Clarice  
só se pode encontrá-lo atrás da nuvem  
que o avião cortou, não se percebe mais.

De Clarice guardamos gestos. Gestos,  
tentativas de Clarice sair de Clarice  
para ser igual a nós todos  
em cortesia, cuidados, providências.  
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.  
Dentro dela  
o que havia de salões, escadarias,  
tetos fosforescentes, longas estepes,  
zimbórios, pontes do Recife em bruma envoltas,  
formava um país, o país onde Clarice  
vivia, só e ardente, construindo fábulas.

Não podíamos reter Clarice em nosso chão  
salpicado de compromissos. Os papéis,  
os cumprimentos falavam em agora,  
edições, possíveis coquetéis  
à beira do abismo.  
Levitando acima do abismo Clarice riscava  
um sulco rubro e cinza no ar e fascinava.

Fascinava-nos, apenas.  
Deixamos para compreendê-la mais tarde.  
Mais tarde, um dia... saberemos amar Clarice.

## Retrato de uma cidade

### I

Tem nome de rio esta cidade  
onde brincam os rios de esconder.  
Cidade feita de montanha  
em casamento indissolúvel  
com o mar.

Aqui  
amanhece como em qualquer parte do mundo  
mas vibra o sentimento  
de que as coisas se amaram durante a noite.

As coisas se amaram. E despertam  
mais jovens, com apetite de viver  
os jogos de luz na espuma,  
o topázio do sol na folhagem,  
a irisação da hora  
na areia desdobrada até o limite do olhar.

Formas adolescentes ou maduras  
recortam-se em escultura de água borrifada.  
Um riso claro, que vem de antes da Grécia  
(vem do instinto)  
coroa a sarabanda a beira-mar.  
Repara, repara neste corpo  
que é flor no ato de florir  
entre barraca e prancha de *surf*,  
luxuosamente flor, gratuitamente flor  
ofertada à vista de quem passa  
no ato de ver e não colher.

## II

Eis que um frenesi ganha este povo,  
risca o asfalto da avenida, fere o ar.  
O Rio toma forma de sambista.  
É puro carnaval, loucura mansa,  
a reboar no canto de mil bocas,  
de dez mil, de trinta mil, de cem mil bocas,  
no ritual de entrega a um deus amigo,  
deus veloz que passa e deixa  
rastros de música no espaço  
para o resto do ano.

E não se esgota o impulso da cidade  
na festa colorida. Outra festa se estende  
por todo o corpo ardente dos subúrbios  
até o mármore e o *fumé*  
de sofisticados, burgueses edifícios:  
uma paixão:  
    a bola  
        o drible  
            o chute  
                o gol  
no estádio-templo que celebra  
os nervosos ofícios anuais  
do Campeonato.

Cristo, uma estátua? Uma presença,  
do alto, não dos astros,  
mas do Corcovado, bem mais perto  
da humana contingência,  
preside ao viver geral, sem muito esforço,  
pois é lei carioca  
(ou destino carioca, tanto faz)  
misturar tristeza, amor e som,  
trabalho, piada, loteria  
na mesma concha do momento  
que é preciso lambar até a última  
gota de mel e nervos, plenamente.

A sensualidade esvoaçante  
em caminhos de sombra e ao dia claro  
de colinas e angras,  
no ar tropical infunde a essência  
de redondas volúpias repartidas.

Em torno de mulher  
o sistema de gesto e de vozes  
vai-se tecendo. E vai-se definindo  
a alma do Rio: vê mulher em tudo.  
Na curva dos jardins, no talhe esbelto  
do coqueiro, na torre circular,  
no perfil do morto e no fluir da água,  
mulher mulher mulher mulher mulher.

### III

Cada cidade tem sua linguagem  
nas dobras da linguagem transparente.

Pula

do cofre da gíria uma riqueza,  
do Rio apenas, de mais nenhum Brasil.

Diamantes-minuto, palavras  
cintilam por toda parte, num relâmpago,  
e se apagam. Morre na rua a ondulação  
do signo irônico.

Já outros vêm saltando em profusão.

Este Rio...

Este fingir que nada é sério, nada, nada,  
e no fundo guardar o religioso  
terror, sacro fervor

que vai de Ogum e Iemanjá ao Menino Jesus de Praga,  
e no altar barroco ou no terreiro  
consagra a mesma vela acesa,  
a mesma rosa branca, a mesma palma  
à Divindade longe.

Este Rio peralta!

Rio dengoso, erótico, fraterno,  
aberto ao mundo, laranja  
de cinquenta sabores diferentes  
(alguns amargos, por que não?),  
laranja toda em chama, sumarenta  
de amor.

Repara, repara nas nuvens; vão desatando  
bandeiras de púrpura e violeta  
sobre os montes e o mar.

Anoitece no Rio. A noite é luz sonhando.

**Elegia carioca**

Nesta cidade vivo há 40 anos  
há 40 anos vivo esta cidade  
a cidade me vive há 40 anos

Sou testemunha  
cúmplice  
objeto  
triturado confuso agradecido nostálgico  
Onde está, que fugiu, minha Avenida Rio Branco  
espacial verdolenga baunilhada  
eterna como éramos eternos  
entre duas guerras próximas?  
O Café Belas-Artes onde está?  
E as francesas do bar do Palace Hotel  
e os olhos de vermute que as despiam  
no crepúsculo ouro-lilás de 34?

Estou rico de passarelas e vivências  
túneis nos morros e cá dentro multiplicam-se  
rumo a barras-além-da tijuca imperscrutáveis  
Sou todo uma engenharia em movimento  
já não tenho pernas: motor  
ligado pifado recalcitrante  
projeto  
algarismo sigla perfuração  
na cidade código

Onde estão Rodrigo, Aníbal e Manuel  
Otávio, Eneida, Candinho, em que Galeão  
Gastão espera o jato da Amazônia?  
Marco encontros que não se realizam  
na abolida José Olympio de Ouvidor  
Ficou, é certo, a espelharía da Colombo  
mas tenho que tomar café em pé  
e só Ary preserva os ritos  
da descuidada prosa companheira

Padeiros entregam a domicílio  
o pão quentinho da alegria  
o bonde leva amizades motorneiras  
as casas de morar deixam-se morar  
sem ambição de um dia se tornarem  
*tours d'ivoire* entre barracos sórdidos  
o rádio espalha no ar Carmem Miranda  
a Câmara discursa  
os maiôs revelam 50%  
mas prometem bonificações sucessivas  
O Brasil será redimido pelo socialismo utópico  
Getúlio sorri, baforando o charutão  
Rio diverso múltiplo  
desordenado sob tantos planos  
ordenadores desfigurados geniais  
ferido nas encostas

poluído nas fontes e nas ondas  
Rio onde viver é uma promissória sempre renovada  
e o sol da praia paga nossas dívidas  
de classe média  
enquanto multidões penduradas nos trens elétricos  
desfilam interminavelmente  
na indistinção entre vida e morte  
futebol e carnaval e vão caindo  
pelo leito da estrada os morituros

Ser um contigo, ó cidade  
é prêmio ou pena? Já nem sei  
se te pranteio ou te agradeço  
por este jantar de luz que me ofereces  
e a ácida sobremesa de problemas  
que comigo repartes  
no incessante fazer-se, desfazer-se  
que um Rio novo molda a cada instante  
e a cada instante mata  
um Rio amantiamado há 40 anos.

### **A palavra mágica**

Certa palavra dorme na sombra  
de um livro raro.  
Como desencantá-la?  
É a senha da vida  
a senha do mundo.  
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira  
no mundo todo.  
Se tarda o encontro, se não a encontro,

não desanimo,  
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura  
ficará sendo  
minha palavra.

### Prece do brasileiro

Meu Deus,  
só me lembro de vós para pedir,  
mas de qualquer modo sempre é uma lembrança.  
Desculpai vosso filho, que se veste  
de humildade e esperança  
e vos suplica: Olhai para o Nordeste  
onde há fome, Senhor, e desespero  
rodando nas estradas  
entre esqueletos de animais.

Em Iguatu, Parambu, Baturité,  
Tauá  
(vogais tão fortes não chegam até vós?)  
vede as espectrais  
procissões de braços estendidos,  
assaltos, sobressaltos, armazéns  
arrombados e – o que é pior – não tinham nada.  
Fazei, Senhor, chover a chuva boa,  
aquela que, florindo e refluindo, soa  
qual cantata de Bach em vossa glória  
e dá vida ao boi, ao bode, à erva seca,  
ao pobre sertanejo destruído  
no que tem de mais doce e mais cruel:  
a terra estorricada sempre amada.

Fazei chover, Senhor, e já! numa certa  
ordem às nuvens. Ou desobedecem

a vosso mando, as revoltosas? Fosse eu Vieira  
(o padre) e vos diria, malcriado,  
muitas e boas... mas sou vosso fã  
omisso, pecador, bem brasileiro.  
Comigo é na macia, no veludo/lã  
e matreiro, rogo, não  
ao Senhor Deus dos Exércitos (Deus me livre)  
mas ao Deus que Bandeira, com carinho  
botou em verso: “meu Jesus Cristinho”.  
E mudo até o tratamento: por que *vós*,  
tão gravata-e-colarinho, tão  
*vossa excelência*?  
O *ocê* comunica muito mais  
e se agora o trato de *ocê*,  
ficamos perto, vamos papeando  
como dois camaradas bem legais,  
um, puro; o outro, aquela coisa,  
quase que maldito  
mas amizade é isso mesmo: salta  
o vale, o muro, o abismo do infinito.  
Meu querido Jesus, que é que há?  
Faz sentido deixar o Ceará  
sofrer em ciclo a mesma eterna pena?

E *ocê* me responde suavemente:  
Escute, meu cronista e meu cristão:  
essa cantiga é antiga  
e de tão velha não entoa não.  
Você tem a Sudene abrindo frentes  
de trabalho de emergência, antes fechadas.  
Tem a ONU, que manda toneladas  
de pacotes à espera de haver fome.  
Tudo está preparado para a cena  
dolorosamente repetida  
no mesmo palco. O mesmo drama, toda vida.

No entanto, *ocê* sabe,  
*ocê* lê os jornais, vai ao cinema,  
até um livro de vez em quando lê  
se o Buzaid não criar problema:  
Em Israel, minha primeira pátria  
(a segunda é a Bahia)  
desertos se transformam em jardins  
em pomares, em fontes, em riquezas.  
E não é por milagre:  
obra do homem e da tecnologia.  
Você, meu brasileiro,  
não acha que já é tempo de aprender  
e de atender àquela brava gente  
fugindo à caridade de ocasião  
e ao vício de esperar tudo da oração?

Jesus disse e sorriu. Fiquei calado.  
Fiquei, confesso, muito encabulado,  
mas pedir, pedir sempre ao bom amigo

é balda que carrego aqui comigo.  
Disfarcei e sorri. Pois é, meu caro.  
Vamos mudar de assunto. Eu ia lhe falar  
noutro caso, mais sério, mais urgente.

Escute aqui, ó irmãozinho.  
Meu coração, agora, tá no México  
batendo pelos músculos de Gérson,  
a unha de Tostão, a ronha de Pelé,  
a cuca de Zagalo, a calma de Leão  
e tudo mais que liga o meu país  
e uma bola no campo e uma taça de ouro.  
Dê um jeito, meu velho, e faça que essa taça  
sem milagres ou com ele nos pertença  
para sempre, assim seja... Do contrário  
ficará a Nação tão malincônica,  
tão roubada em seu sonho e seu ardor  
que nem sei como feche a minha crônica.

30-5-1970

*Alguma Poesia*

**Falta um disco**

Amor,  
estou triste porque  
sou o único brasileiro vivo  
que nunca viu um disco voador.  
Na minha rua todos viram  
e falaram com seus tripulantes  
na língua misturada de carioca  
e de sinais verdes luminescentes  
que qualquer um entende, pois não?  
Entraram a bordo (convidados)  
voaram por aí  
por ali, por além  
sem necessidade de passaporte  
e certidão negativa de IR,  
sem dólares, amor, sem dólares.  
Voltaram cheio de notícias  
e de superioridade.  
Olham-me com desprezo benévolo.  
Sou o pária,  
aquele que vê apenas caminhão  
cartaz de cinema, buraco na rua

& outras evidências pedestres.  
Um amigo que eu tenho  
todas as semanas vai ver o seu disco  
na praia de Itaipu.  
Este não diz nada pra mim,  
de boca, mas o jeito,  
os olhos! contam de prodígios  
tornados simples de tão semanais  
apenas secretos para quem não é  
capaz de ouvir e de entender um disco.  
Por que a mim, somente a mim  
recusa-se o OVNI?  
Talvez para que a sigla  
de todo não se perca, pois enfim  
nada existe de mais identificado  
do que um disco voador hoje presente  
em São Paulo, Bahia  
Barra da Tijuca e Barra Mansa.  
(Os pastores desta aldeia  
já me fazem zombaria  
pois procuro, em vão procuro  
noite e dia  
o zumbido, a forma, a cor  
de um só disco voador.)  
Bem sei que em toda parte  
eles circulam: nas praias  
no infinito céu hoje finito  
até no sítio de um outro amigo em Teresópolis.  
Bem sei e sofro  
com a falta de confiança neste poeta  
que muita coisa viu extraterrena  
em sonhos e acordado  
viu sereias, dragões  
o Príncipe das Trevas  
a aurora boreal encarnada em mulher  
os sete arcanjos de Congonhas da Luz  
e doces almas do outro mundo em procissão.  
Mas o disco, o disco?  
Ele me foge e ri  
de minha busca.

Um passou bem perto (contam)  
quase a me roçar. Não viu? Não vi.  
Dele desceu (parece)  
um sujeitinho furta-cor gentil  
puxou-me pelo braço: Vamos (ou: plnx),  
talvez...?  
Isso me garantem meus vizinhos  
e eu, chamado não chamado  
insensível e cego sem ouvidos  
deixei passar a minha vez.  
Amor, estou tristonho, estou tristonho  
por ser o só  
que nunca viu um disco voador  
hoje comum na Rua do Ouvidor.

## Atriz

A morte emendou a gramática.  
Morreram Cacilda Becker.  
Não era uma só. Era tantas.  
Professorinha pobre de Piraçununga  
Cleópatra e Antígona  
Maria Stuart  
Mary Tyrone  
Marta de Albee  
Margarida Gauthier e Alma Winemiller  
Hannah Jelkes a solteirona  
a velha senhora Clara Zahanassian  
adorável Júlia  
outras muitas, modernas e futuras  
irreveladas.  
Era também um garoto descarinhado e astuto: Pinga-Fogo  
e um mendigo esperando infinitamente Godot.  
Era principalmente a voz de martelo sensível  
martelando e doendo e descascando  
a casca podre da vida  
para mostrar o miolo de sombra  
a verdade de cada um dos mitos cênicos.  
Era uma pessoa e era um teatro.  
Morrem mil Cacildas em Cacilda.

**Três presentes de fim de ano**

## I

Querida, mando-te  
uma tartaruguinha de presente  
e principalmente de futuro  
pois viverá uma riqueza de anos  
e quando eu haja tomado a estígia barca  
rumo ao país obscuro  
ela te me lembrará no chão do quarto  
e te dirá em sua muda língua  
que o tempo, o tempo é simples ruga  
na carapaça, não no fundo amor.

## II

Nem *corbeilles* nem  
letras de câmbio  
nem rondós nem  
carrão 69  
nem festivais  
na ilha d'amores  
não esperes de mim  
terrestres primores.  
Dou-te a senha para  
o dom imperceptível  
que não vem do próximo  
não se guarda em cofre  
não pesa, não passa  
nem sequer tem nome.  
Inventa-o se poderes  
com fervor e graça.

## III

Sempre foi difícil  
ah como era difícil escolher  
um par de sapatos, um perfume.  
Agora então, amor, é impossível.  
O mau gosto  
e o bom se acasalaram, catrapuz!  
Você acha mesmo bacana esse verniz abóbora  
ou tem medo de dizer que é medonho?  
E aquele quadro (objeto)? Aquela pantalone?  
Aquela poesia? Hem? O quê? Não ouço  
a sua voz entre alto-falantes, não distingo  
nenhuma voz nos sons vociferantes...  
Desculpe, amor, se meu presente

é meio louco e bobo  
e superado:  
uns lábios em silêncio  
(a música mental)  
e uns olhos em recesso  
(a infinita paisagem).

## Ausência

Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim.

## **As sem-razões do amor**

Eu te amo porque te amo.  
Não precisas ser amante,  
e nem sempre sabes sê-lo.  
Eu te amo porque te amo.  
Amor é estado de graça  
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,  
é semeado no vento,  
na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários  
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo  
bastante ou demais a mim.  
Porque amor não se troca,  
não se conjuga nem se ama.  
Porque amor é amor a nada,  
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,  
e da morte vencedor,  
por mais que o matem (e matam)  
a cada instante de amor.

## **Aspiração**

Tão imperfeitas, nossas maneiras  
de amar.  
Quando alcançaremos  
o limite, o ápice  
de perfeição,  
que é nunca mais morrer,  
nunca mais viver  
duas vidas em uma,  
e só o amor governe  
todo além, todo fora de nós mesmos?  
O absoluto amor,  
revel à condição de carne e alma.

### **A hora do cansaço**

As coisas que amamos,  
as pessoas que amamos  
são eternas até certo ponto.  
Duram o infinito variável  
no limite de nosso poder  
de respirar a eternidade.

Pensá-las é pensar que não acabam nunca,  
dar-lhes moldura de granito.

De outra matéria se tornam, absoluta,  
numa outra (maior) realidade.

Começam a esmaecer quando nos cansamos,  
e todos nos cansamos, por um ou outro itinerário,  
de aspirar a resina do eterno.  
Já não pretendemos que sejam imperecíveis.  
Restituímos cada ser e coisa à condição precária,  
rebaixamos o amor ao estado de utilidade.

Do sonho de eterno fica esse gozo acre  
na boca ou na mente, sei lá, talvez no ar.

## Verdade

A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só trazia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia seus fogos.  
Era dividida em metades  
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era totalmente bela.  
E carecia optar. Cada um optou conforme  
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

## O seu santo nome

Não facilite com a palavra amor.  
Não a jogue no espaço, bolha de sabão.  
Não se inebrie com o seu engalanado som.  
Não a empregue sem razão acima de toda razão (e é raro).  
Não brinque, não experimente, não cometa a loucura sem remissão  
de espalhar aos quatro ventos do mundo essa palavra  
que é toda sigilo e nudez, perfeição e exílio na Terra.  
Não a pronuncie.

## **Por quê?**

Por que nascemos para amar, se vamos morrer?  
Por que morrer, se amamos?  
Por que falta sentido  
ao sentido de viver, amar, morrer?

## **Mortos que andam**

Meu Deus, os mortos que andam!  
Que nos seguem os passos  
e não falam.

Aparecem no bar, no teatro, na biblioteca.  
Não nos fitam,  
não nos interrogam,  
não nos cobram nada.  
Acompanham, fiscalizam  
nosso caminho e jeito de caminhar,  
nossa incômoda sensação de estar vivos  
e sentir que nos seguem, nos cercam,  
imprescritíveis. E não falam.

## Como encarar a morte

### *De longe*

Quatro bem-te-vis levam nos bicos  
o batel de ouro e lápis-lazúli,  
e pousando-o sobre uma acácia  
cantam o canto costumeiro.

O barco lá fica banhado  
de brisa aveludada, açúcar,  
e os bem-te-vis, já esquecidos  
de perpassar, dormem no espaço.

### *À meia distância*

Claridade infusa na sombra,  
treva implícita na claridade?  
Quem ousa dizer o que viu,  
se não viu a não ser em sonho?

Mas insones tornamos a vê-lo  
e um vago arrepio vara  
a mais íntima pele do homem.  
A superfície jaz tranquila.

*De lado*

Sente-se já, não a figura,  
passos na areia, pés incertos,  
avançando e deixando ver  
um certo cógifo de sandálias.

Salvo orsto ou contorno explícito,  
como saber que nos procura  
o viajante sem identidade?  
Algum ponto em nós se recusa.

*De dentro*

Agora não se esconde mais.  
Apresenta-se, corpo inteiro,  
se merece nome de corpo  
o gás de um estado indefinível.

Seu interior mostra-se aberto.  
Promete riquezas, prêmios,  
mas eis que falta curiosidade,  
e todo ferrão de desejo.

*Sem vista*

Singular, sentir não sentindo  
ou sentimento inexpresso  
de si mesmo, em vaso coberto  
de resina e lótus e sons.

Nem viajar nem estar quedo  
em lugar algum do mundo, só  
o não saber que afinal se sabe  
e, mais sabido, mais se ignora.

## Inscrição tumular

O instante de corola o instante de vida  
o instante de sentimento o instante de conclusão  
o instante de memória  
e muitos outros instantes sem razão e sem verso.

## Deus e suas criaturas

Quem morre vai descansar na paz de Deus.  
Quem vive é arrastado pela guerra de Deus.  
Deus é assim: cruel, misericordioso, duplo.  
Seus prêmios chegam tarde, em forma imperceptível.  
Deus, como entendê-lo?  
Ele também não entende suas criaturas,  
condenadas previamente sem apelação a sofrimento e morte.

## **Hipótese**

E se Deus é canhoto  
e criou com a mão esquerda?  
Isso explica, talvez, as coisas deste mundo.

## **O ano passado**

O ano passado não passou,  
continua incessantemente.  
Em vão marco novos encontros.  
Todos são encontros passados.

As ruas, sempre do ano passado,  
e as pessoas, também as mesmas,  
com iguais gestos e falas.  
O céu tem exatamente  
sabidos tons de amanhecer,  
de sol pleno, de descambar  
como no repetidíssimo ano passado.

Embora sepultos, os mortos do ano passado  
sepultam-se todos os dias.  
Escuto os medos, conto as libélulas,  
mastigo o pão do ano passado.

E será sempre assim daqui por diante.  
Não consigo evacuar  
o ano passado

## Lição

Tarde, a vida me ensina  
esta lição discreta:  
a ode cristalina  
é a que se faz sem poeta.

## **Passatempo**

O verso não, ou sim o verso?  
Eis-me perdido no universo  
do dizer, que, tímido, verso,  
sabendo embora que o que lavra  
só encontra meia palavra.

**Além da Terra, além do Céu**

Além da Terra, além do Céu,  
no trampolim do sem-fim das estrelas,  
no rastro dos astros,  
na magnólia das nebulosas.  
Além, muito além do sistema solar,  
até onde alcançam o pensamento e o coração,  
vamos!  
vamos conjugar  
o verbo fundamental essencial,  
o verbo transcendente, acima das gramáticas  
e do medo e da moeda e da política,  
o verbo sempreamar,  
o verbo pluriamar,  
razão de ser e de viver.

### **O mundo é grande**

O mundo é grande e cabe  
nesta janela sobre o mar.  
O mar é grande e cabe  
na cama e no colchão de amar.  
O amor é grande e cabe  
no breve espaço de beijar

## Lira do amor romântico

### *Ou a eterna repetição*

Atirei um limão n'água  
e fiquei vendo na margem.  
Os peixinhos responderam:  
Quem tem amor tem coragem.

Atirei um limão n'água  
e caiu enviesado.  
Ouvi um peixe dizer:  
Melhor é o beijo roubado.

Atirei um limão n'água,  
como faço todo ano.  
Senti que os peixes diziam:  
Todo amor vive de engano.

Atirei um limão n'água,  
como um vidro de perfume.  
Em coro os peixes disseram:  
Joga fora teu ciúme.

Atirei um limão n'água  
mas perdi a direção.  
Os peixes, rindo, notaram:  
Quanto dói uma paixão!

Atirei um limão n'água,  
ele afundou um barquinho.  
Não se espantaram os peixes:  
faltava-me o teu carinho.

Atirei um limão n'água,  
o rio logo amargou.  
Os peixinhos repetiram:  
É dor de quem muito amou.

Atirei um limão n'água,  
o rio ficou vermelho  
e cada peixinho viu  
meu coração num espelho.

Atirei um limão n'água  
mas depois me arrependi.  
Cada peixinho assustado  
me lembra o que já sofri.

Atirei um limão n'água,  
antes não tivesse feito.  
Os peixinhos me acusaram  
de amar com falta de jeito.

Atirei um limão n'água,  
fez-se logo um burburinho.  
Nenhum peixe me avisou  
da pedra no meu caminho.

Atirei um limão n'água,  
de tão baixo ele boiou.  
Comenta o peixe mais velho:  
Infeliz quem não amou.

Atirei um limão n'água,  
antes atirasse a vida.  
Iria viver com os peixes  
a minh'alma dolorida.

Atirei um limão n'água,  
pedindo à água que o arraste.  
Até os peixes choraram  
porque tu me abandonaste.

Atirei um limão n'água.  
Foi tamanho o rebuliço  
que os peixinhos protestaram:  
Se é amor, deixa disso.

Atirei um limão n'água,  
não fez o menor ruído.  
Se os peixes nada disseram,  
tu me terás esquecido?

Atirei um limão n'água,  
caiu certo: zás-trás.  
Bem me avisou um peixinho:  
Fui passado pra trás.

Atirei um limão n'água,  
de clara ficou escura.  
Até os peixes já sabem:  
você não ama: tortura.

Atirei um limão n'água  
e caí n'água também,  
pois os peixes me avisaram,  
que lá estava meu bem.

Atirei um limão n'água,  
foi levado na corrente.  
Senti que os peixes diziam:  
Hás de amar eternamente.

### O amor antigo

O amor antigo vive de si mesmo,  
não de cultivo alheio ou de presença.  
Nada exige nem pede. Nada espera,  
mas do destino vão nega a sentença.

O amor antigo tem raízes fundas,  
feitas de sofrimento e de beleza.  
Por aquelas mergulha no infinito,  
e por estas suplanta a natureza.

Se em toda parte o tempo desmorona  
aquilo que foi grande e deslumbrante,  
o antigo amor, porém, nunca fenece  
e a cada dia surge mais amante.

Mais ardente, mais pobre de esperança.  
Mais triste? Não. Ele venceu a dor,  
e resplandece no seu canto obscuro,  
tanto mais velho quanto mais amor.

**“A kiss, un baiser, un bacio”**

*A kiss, un baiser, un bacio*  
para a terra que o acolheu.  
Assim quis nosso Stefan Baciú  
saudar o Rio antigo e seu.

Não muito antigo, mas trint'anos  
tecem uma quase eternidade.  
Entre danos e desenganos,  
resta porém a claridade

(ou a penumbra) de lembrar  
em surdina dias e gentes,  
muito doce, bem devagar.  
E as coisas tornam-se presentes.

Jornal e bonde e mortadela  
comida à pressa, num minuto.  
Contra a sorte cinz'amarela,  
a Poesia: último reduto.

Praias e ondas do Havaí,  
pulsando ao sol e ao vento vário,  
não nos tiram Baciú daqui:  
carioca ele é, mais que honorário.

### **Rio em flor de janeiro**

22.I.1980

A gente passa, a gente olha, a gente pára  
e se extasia.

Que aconteceu com esta cidade  
da noite para o dia?

O Rio de Janeiro virou flor  
nas praças, nos jardins dos edifícios,  
no Parque do Flamengo nem se fala:  
é flor é flor é flor,  
uma soberba flor por sobre todas,  
e a ela rendo meu tributo apaixonado.

Pergunto o nome, ninguém sabe. Quem responde  
é Baby Vignoli, é Léa Távora.

(Homem nenhum sabe nomes vegetais,  
porém mulher se liga à natureza  
em raízes, semente, fruto e ninho.)

Iúca! Iúca, meu amor deste verão  
que melhor se chamara primavera.

*Yucca gloriosa*, mexicana  
dádiva aos canteiros cariocas.  
Em toda parte a vejo. Em Botafogo,  
Tijuca, Centro, Ipanema, Paqueta,  
a ostentar panículas de pérola,  
eretos lampadários, urnas santas,  
de majestade simples. Tão rainha,  
deixa-se florir no alto, coroando  
folhas pontiagudas e pungentes.

A gente olha, a gente estaca  
e logo uma porção de nomes populares  
brota da ignorância de nós todos.

Essa gorda baiana me sorri:

– Círio de Nossa Senhora... (ou de Iemanjá?)

– Vela de pureza, outra acrescenta.

– Lanceta é que se chama. – Não, baioneta.

– Baioneta espanhola, não sabia?

E a flor, que era anônima em sua glória,  
toda se entreflora de etiquetas.

Deixemo-la reinar. Sua presença  
é mel e pão de sonho para os olhos.

Não esqueçamos, gente, os *flamboyants*  
que em toda sua pompa se engalanam  
aqui, ali, no Rio flóreo.

Nem a dourada acácia,  
nem a mimosa nívea ou rósea espierradeira,  
esse adágio lilás do manacá,  
esse luxo do ipê que nem-te-conto,  
mais a vermelha aparição  
dos brincos-de-princesa nos jardins  
onde a banida cor volta a imperar.

Isto é janeiro e é Rio de Janeiro  
janeiramente flor por todo lado.  
Você já viu? Você já reparou?

Andou mais devagar para curtir  
essa inefável fonte de prazer:  
a forma organizada  
rigorosa  
esculpintura da natureza em festa, puro agrado  
da Terra para os homens e mulheres  
que faz do mundo obra de arte  
total universal, para quem sabe  
(e é tão simples)  
ver?

### Salário

28.V.1983

Ó que lance extraordinário:  
aumentou o meu salário  
e o custo de vida, vário,  
muito acima do ordinário,  
por milagre monetário  
deu um salto planetário.  
Não entendo o noticiário.  
Sou um simples operário,  
escravo de ponto e horário,  
sou caxias voluntário  
de rendimento precário,  
nível de vida sumário,  
para não dizer primário,  
e cerzido vestuário.  
Não sou nada perdulário,  
muito menos salafrário,  
é limpo meu prontuário,

jamais avancei no Erário,  
não festejo aniversário  
e em meu sufoco diário  
de emudecido canário,  
navegante solitário,  
sob o peso tributário,  
me falta vocabulário  
para um triste comentário.  
Mas que lance extraordinário:  
com o aumento de salário,  
aumentou o meu calvário!

## Cariocas

Como vai ser este verão, querida,  
com a praia, aumentada/ diminuída?  
A draga, esse dragão, estranho creme  
de areia e lama oferta ao velho Leme.  
Fogem banhistas para o Posto Seis,  
O Posto Vinte... Invade-se Ipanema  
*hippie* e festiva, chega-se ao Leblon  
e já nem rimo, pois nessa sinuca  
superlota-se a Barra da Tijuca  
    (até que alguém se lembre  
de duplicar a Barra, pesadíssima).  
Ah, o tamanho natural das coisas  
estava errado! O mar era excessivo,  
a terra pouca. Pobre do ser vivo,  
que aumenta o chão pisável, sem que aumente  
a própria dimensão interior.  
Somos hoje mais vastos? mais humanos?  
Que draga nos vai dar a areia pura,  
fundamento de nova criatura?  
Carlos, deixa de vãs filosofias,  
olha aí, olha o broto, olha as esguias  
pernas, o busto altivo, olha a serena  
arquitetura feminina em cena  
pelas ruas do Rio de Janeiro  
que não é rio, é um oceano inteiro  
    de (a) mo (r) cidade.  
Repara como tudo está pra frente,

a começar na blusa transparente  
e a terminar... a frente é interminável.  
A transparência vai além: os ossos,  
as vísceras também ficam à mostra?  
Meu amor, que gracinha de esqueleto  
revelas sob teu vestido preto!  
Os costureiros são radiologistas?  
Sou eu que dou uma de futurólogo?  
Translúcidas pedidas advogo:  
tudo nu na consciência, tudo claro,  
sem paredes as casas e os governos...  
Ai, Carlos, tu deliras? Até logo.  
Regressa ao cotidiano: um professor  
reclama para os sapos mais amor.  
Caçá-los e exportá-los prejudica  
os nossos canaviais; ele, gentil,  
engole ruínas aranhas do Brasil,  
          medonhos escorpiões:  
          o sapo papa paca,  
no mais, tem a doçura de uma vaca  
embutida no verde da paisagem.  
(Conservo no remorso um sapo antigo  
assassinado a pedra, e me castigo  
a remoer sua emplastada imagem.)  
Depressa, a Roselândia, onde floriram  
a Rosa Azul e a Rosa Samba. Viram  
que novidade? Rosas de verdade,  
com cheiro e tudo quanto se resume  
no festival enlevo do perfume?  
Busco em vão neste Rio um roseiral,  
          indago, pulo muros: qual!  
A flor é de papel, ou cheira mal  
o terreno baldio, a rua, o Rio?  
A Roselândia vamos e aspiremos  
o fino olor de flor em cor e albor.  
Um rosa te dou, em vez de um verso,  
uma rosa é um rosal; e me disperso  
em quadrada emoção diante da rosa,  
pois ainda existe flor, e flor que zomba  
          desse fero contexto  
de metralhadora, de seqüestro e bomba?

## Aparição amorosa

Doce fantasma, por que me visitas  
como em outros tempos nossos corpos se visitavam?  
Tua transparência roça-me a pele, convida  
a refazermos carícias impraticáveis: ninguém nunca  
um beijo recebeu de rosto consumido.

Mas insistes, doçura. Ouço-te a voz,  
mesma voz, mesmo timbre,  
mesmas leves sílabas,  
e aquele mesmo longo arquejo  
em que te esvaías de prazer,  
e nosso final descanso de camurça.

Então, convicto,  
ouço teu nome, única parte de ti que não se dissolve  
e continua existindo, puro som.  
Aperto... o quê? a massa de ar em que te converteste  
e beijo, beijo intensamente o nada.  
Amado ser destruído, por que voltas  
e és tão real assim tão ilusório?  
Já nem distingo mais se és sombra  
ou sombra sempre foste, e nossa história  
invenção de livro soletrado  
sob pestanas sonolentas.  
Terei um dia conhecido  
teu vero corpo como hoje o sei  
de enlaçar o vapor como se enlaça  
uma idéia platônica no espaço?

O desejo perdura em ti que já não és,  
querida ausente, a perseguir-me, suave?  
Nunca pensei que os mortos  
o mesmo ardor tivessem de outros dias  
e no-lo transmitissem com chupadas  
de fogo aceso e gelo matizados.

Tua visita ardente me consola.  
Tua visita ardente me desola.  
Tua visita, apenas uma esmola.

## A bunda, que engraçada



A bunda, que engraçada.  
Está sempre sorrindo, nunca é trágica.

Não lhe importa o que vai  
pela frente do corpo. A bunda basta-se.  
Existe algo mais? Talvez os seios.  
Ora - murmura a bunda - esses garotos  
ainda lhes falta muito que estudar.

A bunda são duas luas gêmeas  
em rotundo meneio. Anda por si  
na cadência mimosa, no milagre  
de ser duas em uma, plenamente.

A bunda se diverte  
por conta própria. E ama.  
Na cama agita-se. Montanhas  
avolumam-se, descem. Ondas batendo  
numa praia infinita.

Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz  
na carícia de ser e balançar  
Esferas harmoniosas sobre o caos.

A bunda é a bunda  
redonda.

## A língua lambe

A língua lambe as pétalas vermelhas  
da rosa pluriaberta; a língua lava  
certo oculto botão, e vai tecendo  
lépidas variações de leves ritmos.

E lambe, lambilonga, lambilenta,  
a licorina gruta cabeluda,  
e, quanto mais lambente, mais ativa,  
atinge o céu do céu, entre gemidos,

entre gritos, balidos e rugidos  
de leões na floresta, enfurecidos.

### **Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça**

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça  
de magnificar meu membro.  
Sem que eu esperasse, ficastes de joelhos  
em posição devota.  
O que passou não é passado morto.  
Para sempre e um dia  
o pênis recolhe a piedade osculante de tua boca.

Hoje não estás sem sei onde estarás,  
na total impossibilidade de gesto ou comunicação.  
Não te vejo não te escuto não te aperto  
mas tua boca está presente, adorando.

Adorando.

Nunca pensei ter entre as coxas um deus.

### Mulher andando nua pela casa

Mulher andando nua pela casa  
envolve a gente de tamanha paz.  
Não é nudez datada, provocante.  
É um andar vestida de nudez,  
inocência de irmã e copo d'água.

O corpo nem sequer é percebido  
pelo ritmo que o leva.  
Transitam curvas em estado de pureza,  
dando este nome à vida: castidade.

Pêlos que fascinavam não perturbam.  
Seios, nádegas (tácito armistício)  
repousam de guerra. Também eu repouso.

## **No corpo feminino, esse retiro**

No corpo feminino, esse retiro  
- a doce bunda - é ainda o que prefiro.  
A ela, meu mais íntimo suspiro,  
pois tanto mais a apalpo quanto a miro.

Que tanto mais a quero, se me firo  
em unhas protestantes, e respiro  
a brisa dos planetas, no seu giro  
lento, violento... Então, se ponho e tiro

a mão em concha - a mão, sábio papiro,  
iluminando o gozo, qual lampiro,  
ou se, dessedentado, já me estiro,

me penso, me restauro, me confiro,  
o sentimento da morte eis que o adquiro:  
de rola, a bunda torna-se vampiro.

## **No mármore de tua bunda**

No mármore de tua bunda gravei o meu epitáfio.  
Agora que nos separamos, minha morte já não me pertence.  
Tu a levaste contigo.

### **À meia-noite, pelo telefone**

À meia-noite, pelo telefone,  
conta-me que é fulva a mata do seu púbis.  
Outras notícias  
do corpo não quer dar, nem de seus gostos.  
Fecha-se em copas:  
“Se você não vem depressa até aqui  
nem eu posso correr à sua casa,  
que seria de mim até o amanhecer?”

Concordo, calo-me.

### **Não quero ser o último a comer-te**

Não quero ser o último a comer-te.  
Se em tempo não ousei, agora é tarde.  
Nem sopra a flama antiga nem beber-te  
aplacaria sede que não arde

em minha boca seca de querer-te,  
de desejar-te tanto e sem alarde,  
fome que não sofria padecer-te  
assim pasto de tantos, e eu covarde

a esperar que limpasses toda a gala  
que por teu corpo e alma ainda resvala,  
e chegasses, intata, renascida,

para travar comigo a luta extrema  
que fizesse de toda a nossa vida  
um chamejante, universal poema.

### **A castidade com que abria as coxas**

A castidade com que abria as coxas  
e reluzia a sua flora brava.  
Na mansuetude das ovelhas mochas,  
e tão estreita, como se alargava.

Ah, coito, coito, morte de tão vida,  
sepultura na grama, sem dizeres.  
Em minha ardente substância esvaída,  
eu não era ninguém e era mil seres

em mim ressuscitados. Era Adão,  
primeiro gesto nu ante a primeira  
negritude de corpo feminino.

Roupa e tempo jaziam pelo chão.  
E nem restava mais o mundo, à beira  
dessa moita orvalhada, nem destino.

**Fonte** <http://memoriaviva.digi.com.br/drummond/index2.htm>

**Site oficial**

<http://www.carlosdrummond.com.br/>